ENTREVISTA

Entrevistador: Leandro Augusto Pires Gonçalves

Entrevistada: Maria Andrea Loyola

Iniciada às 11:11 horas do dia 16/12/2016

Entrevista acontecida na casa da entrevistada

Tempo de entrevista: 2h 37min 03 seg**.**

[LG] sobre as entrevistas, estou conseguindo a colaboração de todos os que estou convidando. Já entrevistei o Fiori, o Hésio...

[MAL] O Hésio é o mais importante. Ele é a cabeça.

(LG) E ele está bem a fim de falar, devo fazer outras entrevistas com ele...

[MAL] Bom. Acho que todos eles, se você precisar, ninguém vai se opor que você volte. Eu, por exemplo, não vou me importar, para tirar a limpo certos pontos, para checar certas informações que venham de um lado ou de outro...

(LG) Bem, Maria Andrea, tem um ponto da nossa entrevista que me deixa um pouco receoso: você é uma exímia entrevistadora...

[MAL] Que isso?!

[LG] se puder me dar um retorno de como foi a entrevista, para mim seria fundamental, até para me sentir mais confiante nas próximas...

[MAL] Sim, está bom. Não tem o menor problema. Você é que tem que fazer essa avaliação a partir do conteúdo, daquele material que você conseguir. Você mesmo pode fazer essa avaliação. E varia muito: para cada entrevistando é tudo muito diferente. Depende muito da empatia... Eu sou antropóloga, faço entrevista há séculos. Para mim, o número 1 para uma boa entrevista é a empatia. Por definição, todo mundo está disposto a falar. Empatia e confiança... Nas minhas pesquisas lá em Nova Iguaçu, eu entrevistava todo aquele pessoal... Depois eu fiz outra em São Paulo que tinha que fazer perguntas sobre sexualidade. E as mulheres falavam, falavam e falavam... mas eu sentia que, se mudasse algo no meu olhar, elas paravam imediatamente. Estou lembrando de uma entrevista que a menina falou, falou, falou e falou. Combinamos de voltar no dia seguinte e ela ficou toda animada. Aí o marido chegou. Ela contou para o marido e acabou...

[LG] aproveitando que você foi à pesquisa em nova Iguaçu...

[MAL] Mas antes de Nova Iguaçu eu estive em outras: no Rio, Pernambuco, Paraíba, São Paulo, Ceará...

[LG] eu li um pouco da sua história numa longa entrevista que você concedeu à FGV [Fundação Getúlio Vargas], falando sobre a sua participação na CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior]. Foi uma boa base para eu entrar nesta nossa entrevista...

[MAL] Lá é uma entrevista muito específica, mas tudo bem...

[LG] Sim, mas você conta a sua trajetória e como chegou ao IMS [Instituto de Medicina Social]. Assim, talvez valha a pena falarmos de como foi essa sua chegada ao IMS, os meandros dessa sua chegada. Não foi nada óbvio, na sua trajetória, ir parar num Instituto de Medicina Social...

[MAL] Não.

[LG] Então: como foi isso?

[MAL] Vamos lá... A época, mais ou menos, foi 74/75, por aí. Eu fui aposentada pela "revolução", eu trabalhava em uma Universidade pública [risos meus] ... revolução entre aspas, porque é como os militares chamavam o golpe militar de 64. Eu trabalhava onde os aposentados trabalhavam, que era na PUC [Pontifícia Universidade Católica] de São Paulo, que tinha o Dom Paulo Evaristo Arns - que morreu ontem. A PUC tinha um viés de esquerda, pelo menos de resistência aos militares. Então, ela contratava o pessoal que tinha sido compulsoriamente aposentado, o que era ótimo, pois tinha nos "quadros" dela o Florestan Fernandes, o Octávio Ianni, o Bolivar Lamounier... Grandes nomes e, entre estes, eu, que estava começando a minha carreira, em 1974, em São Paulo. Só que a PUC estava em grandes dificuldades econômicas, eu não recebia, pagavam super. atrasado... eu era recém-casada – casada oficialmente, pois já morávamos juntos em Paris – e ele também não tinha emprego. Era uma grande dificuldade... Meu irmão tinha que me emprestar dinheiro, todo mês. E eu trabalhava no CEBRAP [Centro Brasileiro de Análise e Planejamento], também. O CEBRAP pagava, mas dependia de projetos. Quando faltava projeto, nós ficávamos na rua. Quando tinha projeto, voltava, contratava de novo. Era muita insegurança... Neste período, o Fiori estava fazendo o doutorado dele com o [Francisco] Weffort e eu estava trabalhando com o grupo do Weffort – eu fui, inclusive, ver a defesa de Tese do Fiori. Lá em São Paulo, o pessoal dava muitas festas em casa, que iam até de manhã...terminando com um café da manhã. Em uma destas festas, se não me engano, foi na casa do Leoncio e da Araci Martins Rodrigues, o Fiori estava lá. Nós conversamos e ele falou do projeto em que estava envolvido [construção do IMS]. Eu achei interessante, mas ficou por aí. Depois, ele voltou um dia especificamente para me convidar a participar. E eu me lembro das palavras dele: "nós estamos fundando uma Instituição e uma disciplina". Eu sou uma pessoa de desafios, se me desafia, na mesma hora eu aceito. "Se é para fundar uma disciplina, então vamos lá" ... E tinha

a ver, também, com a insegurança material. Mas eu comecei a ir para o Rio não exatamente por isso, até porque ainda não tinha contrato com o IMS, mas por conta desta pesquisa sobre Medicina Popular e outro estudo na baixada, sobre práticas de alimentação...

Sobre a primeira vez que cheguei ao IMS, ele ficava na Faculdade de Medicina, no quarto andar... era muito precário: tinha 3 salas. Eles me deram uma sala, para mim e para a minha equipe. Eu estava vindo de São Paulo, do CEBRAP, da PUC, ficaram todos numa sala e eu em uma especial... ainda que muito precária.

[LG] Professora, me desculpe a interrupção: quando o Fiori te convidou, você aceitou imediatamente?

[MAL] Eu aceitei coordenar essa pesquisa, não vir para o IMS.

[LG] O Fiori lhe fez o convite para essa pesquisa, ou a pesquisa foi em outra instituição?

[MAL] Ele me convidou para vir participar do IMS. Mas nessa época, eu comecei a dar algumas aulas de Antropologia e a fazer essa pesquisa, mas ainda não tinha um vínculo estável, não tinha ingressado na UERJ... Naquele momento, o convite era para dar uma aula, para fazer essa pesquisa, pois tinha financiamento da FINEP [Empresa pública brasileira de fomento à ciência, tecnologia e inovação], um bom financiamento. Eu achei interessante e quem me indicou para o grupo do IMS foi a Lygia Sigaud, minha antiga colega no Museu Nacional que morava no Rio. Ela que tinha sido convidada, anteriormente, para dar aula de Antropologia lá. Só que a Lygia não quis continuar... o grupo era realmente muito complicado... não era um grupo acadêmico. Para nós, que estávamos acostumadas com atividades político-acadêmicas, esse grupo do IMS parecia ser muito mais político que acadêmico. Então a Lygia, que era muito acadêmica, não quis saber. E eu já trabalhava, nessa época, com o pessoal de demografia, lá no CEBRAP. E acho que para um antropólogo ou sociólogo, como no meu caso, formada nas duas disciplinas, eu

sempre gostei destas áreas de interface. Ajuda muito a gente a pensar. Quando se fica no centro da disciplina, só se pensa os temas considerados legítimos da disciplina, que não são, necessariamente, os mais interessantes e socialmente importantes. Ao contrário: você tem, de alguma maneira, de repetir, fica meio que um pensamento único, as competições são sempre entre as mesmas pessoas, as mesmas disciplinas... Se você vai para uma convivência com outras áreas, acho muito rico. A demografia, por exemplo, me ajudou muito a pensar. Esse meu primeiro trabalho tem muito a ver com essa minha experiência com os demógrafos, e com a maneira como fazíamos pesquisa naquela época, que eu posso te falar agora ou depois...

[LG] Siga a linha que você desejar...

[MAL] Vou te dar um exemplo da experiência com a demografia: o CEBRAP era uma Instituição que acolhia os aposentados da USP. Tinha lá o Fernando Henrique...

[LG] O Luís Pereira esteve por lá também?

[MAL] Não, o Luís Pereira ficou na USP. O Luís Pereira tinha uma visão bem radical, um marxismo bem radical, meio discordante deste grupo que foi aposentado. No começo ele era do grupo do Florestan. No Cebrap depois foi se formando um grupo mais aberto: tinha o Vilmar Faria, de Belo Horizonte, o Bolivar Lamounier, também de Belo Horizonte... e os aposentados em geral: tinha o [José Arthur] Gianotti, o Paul Singer, que depois foi para o PT... Tinha o Chico de Oliveira... era um grupo intelectual e politicamente fantástico. E tinha os mesões do CEBRAP, onde se discutia política, basicamente. Éramos convidados para apresentar trabalhos científicos que estávamos fazendo, resultados de pesquisa, mas nunca essa pesquisa era discutida por si só, era sempre incluída no contexto político. Eu sou muito marcada pela política. Primeiro, porque eu fui aposentada e fui parar em Paris... a aposentadoria, para mim, foi uma benção! [risos nossos] não só me deixou

livre: levou-me para o meio de um grupo de intelectuais. Eu fiz Seminários do [Michel] Foucault, do [Claude] Levi-Strauss, do [Daniel] Pécaut, do [Alain] Touraine, naturalmente, pois foi meu orientador; do Raymond Aron, que era o único professor considerado de direita da época; do Poulantzas, do Althusser, você já imaginou? Eu tive uma formação muito rica e o meio intelectual dessa época, além de ser muito politizado, as pessoas discutiam muito. Teoria era um barato! Era quase... era mais que... tinha muito "baseado" no meio, também, mas era muito mais que um "baseado" ... era quase um orgasmo, a discussão política. Muito interessante! Coisa que, aqui no Brasil, não existe, que lá no Instituto não existe e nunca existiu... Existia assim: o grupo se reunia, a turma do poder, debatia... mas discussão teórica, acadêmica, não... o pessoal era muito mais político que acadêmico. Eles estavam ali, criaram aquilo, porque não tinham um espaço fora. Tanto que, quando veio a anistia, todo mundo saiu! Foram trabalhar na administração, na gestão da área da saúde ou fazer doutorado na UFRJ. Quem ficou lá para segurar a barra e transformar aquilo numa instituição acadêmica fui eu.

Continuando, eu vim para o Rio para fazer essa pesquisa. Reuni uma equipe, toda ela de antropólogos lá do Museu Nacional e começamos a trabalhar lá. Eu continuava morando em São Paulo e vinha toda a semana para o Rio...

[LG] Mas alguns médicos do Instituto também circularam na sua pesquisa, não? Ou foi depois?

[MAL] Não...

[LG] O Hésio não fez parte da sua pesquisa?

[MAL] O Hésio, ele usou muito material da minha pesquisa para a dissertação dele... Eu quase desisti da pesquisa quando cheguei à Nova Iguaçu: era de uma violência! Jogavam cadáveres em Queimados todos os dias... Cheguei ao IMS e falei com a Nina: "Nina, eu não vou expor a minha equipe a essa violência... Nós estamos correndo risco de vida lá". Ela disse: "deixa de ser boba, que absurdo!" [risos dela]

... Então fomos... E, realmente, era muito tenso, porque nunca se sabia se estávamos em segurança. Tinha um lugar que nós íamos, à noite... Bem, vou retomar algumas coisas: eu escrevi, e você pode ter acesso à leitura, a minha primeira hipótese - em uma coletânea, publicada pelo Reinaldo [Guimarães] - chamada “Medicina Popular”. A hipótese era que as práticas médicas que existiam, nessa camada populacional, não eram práticas residuais de um conhecimento folclórico antigo, mas alguma coisa que tinha a ver com a defesa da própria visão de mundo dessas pessoas. Que era alguma coisa que não iria desaparecer, necessariamente, com a expansão da Medicina científica; por trás disso, tinha uma relação de classe. Só que eu cheguei no campo de pesquisa e vi que a prática médica estava totalmente mergulhada na religião, numa briga violenta entre protestantismo, sobretudo petencostalista, candomblé e umbanda. Tinha, também, a igreja católica... mas a igreja católica instalada, o padre ia lá raramente... Ficava tudo nas mãos de uma freira estrangeira... a briga, mesmo, era entre os petencostalistas, a umbanda e o candomblé...

[LG] É impressionante: este fenômeno do pentecostalismo já vem de longa data! Parece, hoje, uma grande novidade eleitoral, que remete `à ascensão de algumas denominações na década de 90... Você está falando de 75!

[MAL]. Estou falando deste momento da pesquisa, de 1979; quando fizemos a pesquisa. Mas me parece que esse fenômeno começou na década de 1970.... Primeiro, colhemos material sobre práticas em saúde da população. Deu um relatório, que foi esse que o Hésio usou muito... Depois, fizemos um novo projeto para a FINEP para estudar as religiões, que foi aprovado. Fizemos uma divisão do trabalho e cada um dos membros da equipe, eu e mais duas pessoas que participaram, que eram antropólogas do Museu Nacional, estudamos uma religião. Eu fiquei com o catolicismo. Fiz um trabalho gigante, desde a origem do catolicismo, todas as regras, normas... A Zélia estudou tudo sobre a umbanda e o candomblé. E a Delma, sobre o protestantismo. O meu primeiro estudo foi assim: cada uma estudou uma religião para se entender as práticas, se não, não daria um trabalho

bom... Depois, nós voltamos para o campo, já numa perspectiva de usar o conceito de “campo” do [Pierre] Bourdieu e estudar as práticas médicas, e as relações com as religiões, como elas usavam as representações sobre saúde e doença e cruzavam as relações com a medicina científica... foi um trabalho enorme, que durou quase 3 anos, e muito difícil de analisar, pois tínhamos muita coisa e era difícil juntar aquilo... Mas, no meio disso, eu já falava, já dava para ver, que as religiões pentecostais iam tomar conta. Elas incorporavam rapidamente, elas tinham uma visão de “corpo” e “alma” do catolicismo primitivo totalmente agregada à visão americana da religião etc. mas que eles adaptavam rapidamente... não é uma igreja que exige uma alta formação, qualquer pessoa da comunidade podia virar pastor. Não é como na Igreja Católica que é uma multinacional com sede em Roma. Virava pastor rapidamente: pegava uma bíblia... ele conhecia, ele partilhava dos mesmos valores da comunidade, ele conhecia as pessoas e montava uma rede de ajuda mútua na igreja deles... O cerimonial deles era quase um programa de televisão, igual a esses de auditório, atuais. Uma vez, nós fomos fazer entrevista em uma igreja grande. O pastor, na mesma hora, nos pôs fazendo parte do espetáculo [risos meus]... “conta aqui para eles, como é que você foi curada”... A população que estudamos era religiosamente pragmática: eles usavam a umbanda e o candomblé para um certo fim... Eu estou aqui falando sobre o meu livro e acho que é bobagem... você pode ler...

[LG] Não, eu estou achando ótimo! Eu li partes, mas não li todo...

[MAL] Voltando: para cura de doenças, para problemas afetivos, se procurava a umbanda e o candomblé... as crianças iam na igreja pentecostal porque tinha diversão: tinha música, o pessoal cantava, tinha almoço... e quando as pessoas paravam de fumar e beber, elas, sem perceber, faziam economia... e essa pequena economia que faziam, quando não se tinha quase nada, já fazia uma diferença no orçamento da família. Digamos assim: o que Deus prometeu, Jesus etc. de repente, ficava visível... E o time deles é “barra pesada”: era nós contra os outros, os convertidos e os não convertidos; pobres, mas “escolhidos”. Eles têm o reino de

Deus garantido, o resto não tem. Isso também faz uma diferença muito grande. Todos esses elementos contribuíam, nós víamos claramente, para a expansão destas igrejas. Basicamente, a música e a ajuda mútua, a flexibilidade - embora eles sejam muito exigentes, usar camisa de manga, vestido, terno etc. -, no que diz respeito às representações, às visões sobre determinados assuntos, eles eram muito flexíveis.

[LG] Muito mais que a Igreja Católica...

[MAL] A igreja católica era ridícula. Ela tentou fazer uma reforma que a estragou... A riqueza, as procissões... Como dizia Joãozinho Trinta: "quem gosta de pobreza é intelectual, porque o povo gosta de riqueza". Eles trocaram toda aquela pompa da igreja por uma cultura de classe média, ascética. E aí, tentaram encurtar a distância entre os sacerdotes e a clientela – aquela palhaçada de cumprimentos no meio da missa -, uma coisa para não funcionar. Sobretudo naquele meio [Nova Iguaçu], que não tinha nada a ver.

Mas as pessoas, aqui no Brasil, sempre foram católicas, por definição. Ninguém se casava ou batizava fora da igreja... Então, em Nova Iguaçu era algo sincrético, uma característica da cultura brasileira. E tinha esse pragmatismo: se frequentava o que fosse mais interessante, mais conveniente ao momento.

[LG] Eu vivi um pouco desse sincretismo. Sou descendente de portugueses e cresci no subúrbio do Rio de Janeiro. Quando eu adoecia e a medicina não dava conta, eu acabava no banho de arruda...

[MAL] Foi aí que nós descobrimos uma coisa muito importante que, depois, o Luiz Fernando [Dias Duarte] e o Jurandir [Freire Costa] tentaram tratar de outra maneira, chamando de "doença dos nervos", mas que as pessoas não chamavam de "doença dos nervos", mas sim de "doença espiritual". Essa categoria doença dos nervos existiu na medicina tradicional, antes do surgimento das doenças mentais como as conhecemos hoje, mas não acredito que possa ser transportada para um ambiente

como o que estudei. Lá as doenças eram “materiais” e “espirituais. Era o que permitia às pessoas andarem de um lado para o outro, eram os elementos que permitiam essa mobilidade, sem colocar em xeque nenhum dos sistemas. Doença “espiritual”, por exemplo, é doença de Centro, e de rezador; se mandava rezar ou levar para a umbanda e o candomblé; médico não curava, não adiantava. E doença “material” era de médico; também não adiantava mandar para o Centro e rezadores, porque quem curava era o médico. E como é que se sabia se era isso ou aquilo? As próprias pessoas que tratavam as doenças, Rezadores e Pais de santo locais, não arriscavam suas crenças... quando viam que não davam conta, mandavam para o médico: “olha, isso é doença material”. E os próprios médicos, e a clientela que ia aos médicos, se o médico não resolvesse, faziam o mesmo, era doença espiritual. É muito complicado isso, mas é muito interessante. O médico dava o remédio, nunca se tomava o remédio até o final: melhorou, funcionou... se não melhorou, não se esperava, se voltava para o início; então o remédio fazia efeito e se confirmava que era uma doença material... De modo geral, as doenças de cunho psicológico, eram todas classificadas como “doenças espirituais”, eram todas tratadas pela umbanda e o candomblé. E nós descobrimos e usamos uma expressão, ou melhor, um conceito que eu criei e que hoje em dia o pessoal usa muito na área, que são os chamados “itinerários terapêuticos”. Quando a pessoa era muito próxima de uma religião, ela tendia a seguir as normas daquela religião: o pessoal muito próximo da umbanda e do candomblé ia primeiro, sem dúvida nenhuma, para a umbanda e o candomblé. Só depois que ia procurar o farmacêutico, e depois, se fosse o caso, o médico, a chamada medicina científica ou oficial. O pessoal mais ligado às igrejas protestantes ia, primeiro, ao farmacêutico ou diretamente para o médico. A visão dessas igrejas era algo como: Jesus é o instrumento, mas quem cura é o médico. Eles reforçavam, o tempo todo, sobretudo, a cultura ocidental americana. Mas no caso de Nova Iguaçu, quando eles estavam brigando no campo, o Exú da umbanda e candombe era o demônio das sagradas escrituras... do Antigo Testamento em que essas denominações se baseavam. Teve uma vez, neste dia deu medo mesmo... nós visitávamos vários centros e igrejas. Estivemos em uma igreja, tarde da noite, num lugar deserto em Nova Iguaçu. Tinha um rapaz que trabalhava na

pesquisa que ficava escondido, morrendo de medo [risos meus]... Eu falei: “vamos lá, gente!”. Entramos, só que o pastor fechou a porta. Era uma coisa tão primitiva, as pessoas ficavam se confessando em voz alta e batiam as cabeças na parede pedindo desculpas. E vimos um negro no chão, rolando para o nosso lado. Ele tinha incorporado Exú, e o pastor gritava: “Aleluia! Aleluia!”, estimulando a plateia... Sabe quando você sente a barra pesada para o seu lado? “Esse Exú não está de brincadeira, ele vai nos pegar aqui, não vai dar certo isso...”. Aí levantamos e eu disse: “gente, vamos embora, quietinhos, sem falar nada”. Abrimos a porta e fomos embora. Saímos com o coração batendo forte e as pernas fracas... sabe quando você se sente pesado? “Vai acontecer alguma coisa”. Esse caso é para mostrar o nível de primitivismo que algumas igrejas podem ter... aliás, todas essas manifestações – seria um trabalho paralelo a fazer que eu acabei não fazendo -, tanto os terreiros quanto as igrejas, podiam ser classificados por classe social, de acordo com a clientela. Era a clientela que determinava a riqueza do rito, das oferendas, a construção do templo... é muito interessante, esse aspecto. Tinham terreiros riquíssimos e outros paupérrimos... igrejas, idem. É como pegar uma igreja da Universal, tornou-se um absurdo: os templos salomônicos que ergueram, essa coisa milionária não tem nada a ver com essa igreja que nós vimos lá. Aquelas igrejas eram pequeninas, cada pastor fazia o que podia. Aí se começava a recolher dinheiro, e podia se ver, aos poucos – eu tinha uma casa de praia em Barra de São João, num lugar mais próximo, do outro lado do Rio, onde pude acompanhar esse processo de crescimento. O templo pequenino ir crescendo... de um pastor, depois vem outro e outro e outro... de repente, acabou a igreja católica, acabou a umbanda e o candomblé, só tem os petencostalistas...

[LG] Aquela região entre Cabo Frio e Macaé está tomada...

[MAL] A minha casa ficava exatamente ali: entre Búzios e Barra de São João, do lado de cá da ponte, na beira do rio. Um lugar lindo, um paraíso, mas que foi invadido, tomado pelo pessoal da Baixada, policiais e até traficantes. No início, os pescadores, à tarde, eles ficavam lá, arrumando rede, conversando e bebendo

cachaça... todo mundo parou de beber! Isso tudo confirma o potencial de Jesus, o poder de Jesus. E daí vai em frente... o poder de Jesus está chegando perto da Presidência da República [risos nossos] ... o projeto é esse: é um projeto político, como foi o da Igreja Católica, no passado... Essa competição era visível em Nova Iguaçu. Para você ver: eles compram todas as emissoras. Veja o jornal da Band: depois do jornal, entra logo o pastor... realmente, é inacreditável. E eles ficam ricos. É uma coisa horrorosa, ver aquelas pessoas que não têm nada, tirar do bolso 10, 15 reais e dar na mesma hora... para quem assiste, é uma coisa revoltante.

[LG] E você acompanhou todo esse processo...

[MAL] Acompanhei...

[LG] Sobre a pesquisa em Nova Iguaçu, ela foi feita em composição com o Museu Nacional?

[MAL] Não, não foi com o Museu Nacional. Foi no IMS mesmo. Mas eu tinha que contratar antropólogos para trabalhar comigo. A maioria era formada de ex-alunos do Museu Nacional, mas que estavam em outras instituições. Trabalharam periodicamente, como pesquisadores contratados.

[**LG] A pesquisa era sediada no IMS e você levou pesquisadores do Museu Nacional para trabalhar contigo...**

[MAL] Eram pesquisadores, assistentes de pesquisa contratados, mas que não eram funcionários do Museu Nacional. Eram ex-alunos. Quando terminou a pesquisa, eles voltaram para suas universidades.

[LG] Algum médico se aventurou como antropólogo, contigo?

[MAL] Não! Eu dava aula no IMS, falava sobre eficácia simbólica e eles ficavam horrorizados [risos meus] ... Mas hoje, no último encontro da ABRASCO [Associação Brasileira de Saúde Coletiva], uma ex-aluna e atual professora do Programa de Saúde Coletiva da Bahia, me falou que eu abri a cabeça dela [risos dela]. Mas sobre a pesquisa, não tinha nenhum médico no meio, só antropólogos.

[LG] Foi como uma pesquisa "enxertada" no IMS?

[MAL] Não, o problema não é que fosse enxertada... ao contrário: o IMS conseguiu uma verba enorme com a FINEP para fazer várias pesquisas. A pesquisa sobre Medicina Popular era uma delas: a Madel fez pesquisa sobre as Instituições médicas, o Hésio fez a pesquisa dele sobre o complexo industrial da saúde. O Hésio fez a pesquisa e não foi ao campo, pois ele estava *super* envolvido com a política.

[LG] Ele foi o seu orientando no mestrado, não é?

[MAL] Foi, foi meu orientando... Sobre a minha pesquisa, o Museu Nacional não teve nada a ver com isso. Foi lá que eu peguei os colaboradores, eu tinha sido aluna de lá... Eu fui aluna do curso de especialização e depois do mestrado. Fui da segunda turma. A primeira foi a do Roque [Laraia], do [Roberto DA] Matta, da Alcida Ramos...Depois, quando abriu o mestrado, eu voltei para fazê-lo. Eu era muito próxima às pessoas do Museu. Assim, foi fácil recrutar esses pesquisadores lá.

[LG] Alguém importante para a Antropologia esteve contigo lá em Nova Iguaçu?

[MAL] Acho que as duas companheiras continuam. A Zélia e a Delma, que era de Niterói, e acho que continua na UFF. A Delma chegou a publicar um livro com dados desta pesquisa, sobre os protestantes, aquele trabalho inicial que ela tinha feito. Só que ela tem uma interpretação diferente da minha; eu trabalhei com a ideia de "campo", de "consenso", mas também de "conflito", de "hierarquia"; ela trabalhou

mais com a noção de “ordem”. A Zélia acabou não publicando nada. E eu não sei onde anda a Zélia. Delma Peçanha e Zélia Seiblitz.

[LG] Queria fazer uma pequena síntese do que conversamos: o Fiori foi até São Paulo e conversou contigo. Você veio ao Rio, ao IMS, a princípio não como quadro permanente, mas para fazer essa pesquisa e dar algumas aulas. Isso foi em 79?

[MAL] 75... em 75 foi o meu primeiro contrato. A pesquisa terminou em 79, foi quando eu fui para a França, no final de 79. A pesquisa começou em 75...

[LG] Nesse período da pesquisa, você ficava entre Rio e São Paulo e dava algumas aulas no IMS, que era quando você encontrava os médicos...

[MAL] Isso, eu dava aulas no IMS.

[LG] Como é que foi dar aulas para os médicos?

[MAL] Foi legal...e, ao mesmo tempo, muito difícil. Os alunos de lá, eram todos médicos. Os da residência e os da medicina; não tinha espaço para outro tipo de aluno. Quem abriu espaço para alunos de outras áreas, fui eu, quando fui Diretora do IMS. E tinha um ano para dar um curso de Teoria Social, que depois o pessoal cortou para um semestre e ficou ainda mais difícil... Eu só tinha um ano para dar teoria social. Era muito difícil: como é que eu faria o pessoal ler todas aquelas linhas teóricas, que nós passamos mais de um ano lendo, para ler em um? Teve uma época que eu fiquei tão desesperada que eu dei para eles, e fui altamente criticada por isso, uma coletânea de vários teóricos da sociologia e da filosofia para eles lerem. Eu não sabia muito como fazer em um ano eles aprenderem sobre teoria sociológica, as pessoas não tinham formação... Eu lecionei essa matéria na pós-graduação da PUC, em São Paulo, [Pontifícia Universidade Católica], mas o pessoal era formado em Ciências Sociais. É muito diferente dar um curso de Teoria

Sociológica para alguém que já teve contato prévio com os autores dessa disciplina, do que para uma turma de médicos, que têm uma visão de mundo bem específica, que só leram matérias de biologia, histologia... só coisas médicas mesmo. E que também se achavam o máximo... Porque os médicos têm esse problema: eles se acham poderosíssimos! Qualquer outra disciplina eles tratam como inferior... eles respeitam, mas consideram inferior. Tanto que teve uma reforma no IMS, que foi pensada pelo Fiori, Hésio e que teve participação da Madel, que eles queriam acabar com o departamento de Ciências Sociais e Saúde. Ia ser só Epidemiologia e Planejamento, os cientistas sociais iam ter que ser incorporados a esses departamentos, para ajudarem a eles trabalhar naquilo que eles achavam importante. E só não fizeram isso porque esqueceram de combinar com a gente... quando chegou a hora, que o Cid Manso foi apresentar a proposta, em nosso departamento, eu tinha trazido outra...E era o nosso Departamento que, até hoje guarda o mesmo nome, não mudaram, Instituições e Políticas de Saúde, que concentravam os doutores.

Neste ponto, é importante voltar um pouquinho... Em 79, eu fui para a França e comecei a trabalhar com o Bourdieu, fui finalizar as pesquisas que eu tinha feito por aqui. O Bourdieu adorou a pesquisa, o material levantado. Ele era extremamente inteligente! Tinha uma grande capacidade de perceber as coisas... E eu fiquei trabalhando lá, ele me manteve lá em seu Centro (*Centre de Sociologie Européenne*) por mais de 2 anos A minha bolsa, conseguida pelo Cebrap, era de apenas 6 meses, Ele me manteve e fiquei trabalhando lá, fiz um artigo, escrevi um livro...tudo patrocinado por ele. Foi muito engraçado: esse livro - “Médicos e Curandeiros” - sobre medicina popular: saiu primeiro em francês, com o título “L’esprit et le Corps”.

Voltando ainda mais um pouco, quando eu fui aposentada, eu estava fazendo o mestrado no Museu Nacional. Eu era vizinha do Gabeira, no Leblon, além de ser da mesma cidade, Juiz de Fora, e ser amiga dele. O Gabeira estava na clandestinidade e tinha participado do sequestro do embaixador. Em Juiz de Fora, os alto falantes falavam no nome dele e no meu nome de modo estridente! [Risos nossos] eu era a única aposentada da cidade [risos dela] ... eu era um fenômeno!

Fora que eu já tinha um processo na faculdade e tinha sido Chefe de Gabinete do prefeito Itamar Franco; uma mulher, com 26 anos. Ninguém aguentava isso! [risos nossos]

[LG] E devia ser ainda mais difícil estar nesses papéis sendo mulher, naquele período...

[MAL] Pois é... Deixa-me abrir um parêntese para te contar um episódio que, acho, ajudou na minha aposentadoria. Eu dava aula na faculdade e estava no Rio fazendo especialização em Antropologia e Arqueologia. Mas com o golpe de 64, eu fui para Juiz de Fora para terminar a minha Licenciatura. Antigamente, se fazia Ciências Sociais e Licenciatura logo depois. Aconteceu uma Reforma Universitária que juntou estes cursos e para quem quisesse fazer, era o último ano possível. Então eu voltei para Juiz de Fora para fazer. Isso também me concedeu uma proteção porque o meu pai era general. Tanto que "O Globo" me contratou achando que ia ser fácil eu penetrar nos quartéis, como de fato foi, para escrever artigos contra, ou melhor, a favor do Golpe Militar, que eles chamavam de "Revolução... [risos nossos] Eles queriam pegar o governador de Goiás, à época, o Mauro Borges, que eles acusavam que ia envenenar a água da cidade. Era preciso escrever coisas sobre ele. Era impressionante! Eram todos tenentes, militares jovens, eles me telefonavam e tudo era muito escondido: os encontros, os telefonemas vinham de um lugar e passavam para o outro... e eles queriam usar, o jornal, através de mim, para justificar a atuação deles. Só que eu pegava os processos e copiava tudo. Minha mãe, que ficava me ditando as acusações para eu datilografar via aquilo e achava um horror! Tudo acusação sem provas, baseadas no disse, me disse. Eu copiava tudo e mandava para o pessoal que estava sendo acusado, estava todo mundo preso. Claro que a minha carreira jornalística no "O Globo" durou menos de 2 meses [risos nossos] ... Quando o jornal viu que eu não iria fazer nada, me demitiram... E, claro, eles ficaram sem saber que eu estava mandando cópia dos processos para o pessoal. Não tinha nada de muito concreto, também. Eu tinha um amigo que estava preso em Minas Gerais, o processo dele, por acaso, caiu nas minhas mãos.

Então eu mandei uma cópia para o advogado dele, mas não adiantou nada... não tinha lei, não tinha nada. Ele acabou saindo do país, exilado. Acabou morrendo no exílio, uma judiação... foi meu colega no Museu Nacional, nesse primeiro curso de especialização em Antropologia, que eu fiz. Nessa época, enquanto eu estava em Juiz de Fora, dando aula na faculdade, eu dava aula de sociologia e antropologia, chegaram lá um padre e outro aluno que eu nunca tinha visto. Eu estava dando aula sobre a evolução e na bibliografia que eu indicava tinha uma coletânea do Kingsley Davis, A Sociedade Humana, que falava, além do evolucionismo, falava também sobre infanticídio, tabu de incesto... aqueles temas da antropologia. E, no fim, falava também sobre tecnologia, socialismo, alguma coisa bem básica... no primeiro dia que eu dei esse curso, que eu comecei falando em evolucionismo, esse pessoal fez um processo contra mim e eu fui pega de surpresa. Pegaram o catedrático que me adorava, que tinha passado para mim o curso, levaram o livro para ele e começaram a falar que eu estava pregando que o homem vinha do macaco. Todos eram muito católicos... criacionistas...Dizem que este padre, que depois largou a batina e ficou milionário, falava que ele sentia culpa pelo que aconteceu comigo. Mal sabe ele que me fez um grande bem! Me fizeram sair de Juiz de Fora e ir para Paris. [risos nossos] Então fizeram o processo contra mim, me acusando que eu pregava que “o homem vinha do macaco”, que eu pregava “o tabu de incesto” ... Veja bem: pregar o tabu de incesto?! Pregava o infanticídio como forma de controle de natalidade... o que algumas tribos faziam, eles usavam aquilo para me acusar. E acusaram também outro colega, sociólogo, Alexis Stepanenko. O processo era enorme, e foi parar na grande mídia: Jornal do Brasil, nos jornais da cidade... foi parar na Reitoria, fizeram um processo lá também... Eu já estava aposentada compulsoriamente pelo AI-5 quando eu fui interrogada pela Comissão de Inquérito da Reitoria. O pessoal me perguntava assim: “O incesto é um tabu?” [risos nossos] era nesse nível... Esses Professores não tinham a menor noção de ciências sociais...nada... essa peça foi montada por um grupo de católicos criacionistas.

Quando eu fui fazer a minha entrevista para o Museu Nacional, o Roberto Cardoso, coordenador do Curso de Antropologia Social à época, perguntou: “você já leu Durkheim? Weber, Levi-Strauss? Já leu isso? Já leu aquilo?”, e eu respondia

“não”. Pensei: “tomei zero” [risos dela]. Depois ele disse que eu passei porque no trabalho, que também fazia parte do processo, um trabalho feito na intuição, eu tinha mostrado uma qualidade importante: sensibilidade sociológica e, pela entrevista, que eu era uma “página em branco” [risos nossos]. Quer dizer: ele poderia me formar do jeito que ele quisesse... Voltando ao processo na Universidade, agora, que passou tudo, eu peço uma cópia do processo e eles não me mandam... me mandam um monte de coisa, mas não me mandam o processo. Isso tudo teve muito a ver com a aposentadoria.

Voltando também à eleição em Juiz de Fora. O Itamar Franco era do PTB e eu tinha feito uma pesquisa enorme com operários na cidade, eu tinha trabalhado em uma fábrica têxtil. Eu tinha muito material... e os operários tinham muita confiança em mim. Depois me deram entrevistas clandestinas sobre sindicalismo etc. A minha Tese de doutorado é sobre isso, que depois gerou 2 artigos sobre “modernização na indústria têxtil” e “atitudes operárias,” publicados na Revista da FGV de são Paulo, e a parte política se tornou o livro “Os Sindicatos e o PTB”. O pessoal que controlava a política lá em Juiz de Fora, nessa época era do PSD, um partido conservador que estava no poder havia séculos... O Itamar era do PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. Eu sabia que o Itamar não ia ganhar... O Alexis Stepanenko, que depois veio a ser Ministro do Planejamento do governo presidencial do Itamar, era meu colega, sociólogo, vindo de São Paulo. Ficamos muito amigos. Tanto que, em função do processo na Universidade, ele pediu demissão. Nós dois mais o Diretor da Faculdade, Murilio Hingel, fomos acusados, mas só eu fui aposentada. Alexis foi solidário, pediu demissão e ficou desempregado, não conseguiu entrar de novo para a Universidade, que era o que ele queria... Mas foi um sucesso em outras áreas; era muito inteligente. Um dos motivos do processo foi que os outros professores começaram a ficar com ciúmes. Nós éramos convidados para ser paraninfos, nossas aulas eram cheias... porque eu ensinava antropologia e ele sociologia e o resto era religião, aula de casamento... uma filosofia barata, horrorosa... Na eleição do Itamar para prefeito, pegarmos caminhões, alunos de várias faculdades... (os alunos adoravam!) e fomos para a periferia fazer pesquisa de opinião, quando os atuais institutos de pesquisa nem

sonhavam em existir. E, como era esperado, o Itamar perdia de lavada. Isso era 1966. Então, um amigo nosso, muito esperto, Hygino Côrtes, que não ocupava nenhum cargo, mas era o Golbery do Itamar [risos meus] -, disse: “publica isso! Eles vão descansar e nós sabemos onde temos que trabalhar”. Não deu outra: o Itamar ganhou. E quem iria governar? Não tinha gente... O Itamar era perseguido pelos políticos que perderem, pelo quartel, a Quarta Região Militar, de onde saiu a ditadura... todo o pessoal da direita mobilizado: o impeachment era decretado toda hora... tinha que ser gente de confiança. A chefia de gabinete, por ser um cargo de extrema confiança, depois eu vim a saber que era, de fato, o segundo cargo da prefeitura, não tinha quem ocupasse... então, vieram me pedir que eu ocupasse. Eu respondi: “tudo bem, por pouco tempo, porque quero continuar estudando”. Eu estava querendo voltar para o Rio, querendo fazer o mestrado de Antropologia que ia abrir no Museu; meu negócio era a Universidade..., mas, tudo bem, eu emprestei o meu nome por 3 dias até ele ter tempo de arrumar outro. E acabei ficando quase um ano, com 5 pedidos de demissão! [risos nossos] E, quem acabou ficando em meu lugar foi meu secretário, Mauro Durante. Ao final, foi uma experiência maravilhosa! Foi uma experiência muito legal, realmente era muito difícil... o Itamar não podia viajar, tinha dia que ele não podia sair da prefeitura, se não caia... A única vez que o Itamar tentou viajar para a Alemanha, eles decretaram o impeachment dele. Eu tinha um namorado no Rio que ia todo o fim de semana para Juiz de Fora e nós íamos namorar na Represa, que era o lugar bucólico ao nosso dispor. Estava me preparando para sair com ele quando me ligaram alvoroçados, mandaram o carro para me pegar: a Câmara Municipal tinha decretado o impeachment do Itamar. Pensei: “o que é que vamos fazer?”. Foi aí que eu soube que, como o vice não havia assumido, eu era a segunda autoridade, porque eu tinha que assinar tudo... O motivo do impeachment era que eu tinha feito uma agenda marcando hora para os vereadores irem ao gabinete... O Itamar não conseguia trabalhar, eles não saiam de lá, era visita o dia inteiro, pedindo coisa o tempo todo, ameaçando o tempo todo... Então, eu tinha feito uma agenda que previa que o Itamar ficaria dois dias por conta deles e, o resto, só com agendamento, para podermos trabalhar... Para quê? Num fim de semana, num sábado, veio o decreto do Impeachment O Itamar. Ele já estava

de licença, mas ainda não tinha viajado. Chamamos um jornalista da cidade que era nosso amigo. o Zé Carlos, e ele saiu na frente e começou a acusar os vereadores, a dizer que a agenda do Itamar era para possibilitar que o prefeito trabalhasse para a cidade. Virou o jogo contra os vereadores... Eles se acalmaram e a coisa voltou ao normal...

[LG] Nessa experiência, ficou clara a sua própria aptidão política?

[MAL] Nunca achei que eu tivesse aptidão política [risos meus]... Muitas coisas ficaram claras para mim: quando subíamos a escadaria da prefeitura, estava cheio de pobres na porta... quando passávamos pela porta do Gabinete do prefeito, só encontrávamos gente de classes mais altas. Nós recebíamos, apenas, empresários, políticos... eram eles que faziam funcionar o sistema. Nós criamos, inclusive, um serviço para lidar com o desemprego, porque o desemprego estava altíssimo! Era uma maneira de acalmar as pessoas. E, de fato, quando surgia um empreguinho – e eu conhecia, tinha trabalhado nas fábricas -, passava, para as pessoas que estavam precisando de emprego... Mas não tinha como dar conta da demanda e isso gera uma grande decepção...

[LG] Foi a época das Reformas do Roberto Campos, não foi?

[MAL] Sim. E Juiz de Fora teve muita fábrica falindo... Juiz de Fora era conhecida como a “Manchester Mineira”, cheia de fábricas de tecidos, que empregavam muita gente. Tanto que, se você ler este meu livro, “Os Sindicatos e o PTB”, verá o porquê do movimento trabalhista em Minas ter sido forte: criou-se lá uma cultura operária. Na fábrica que eu trabalhava, os operários moravam todos juntos em um condomínio de casas. Tinha uma casa de encontros comum, a Casa do Trabalhador, que era onde todos os operários da cidade se reunia, trocavam ideias... Isso criou uma coesão, uma visão especial que permitiu que os sindicatos de Juiz de Fora liderassem o sindicalismo nacional... É muito interessante essa história. E foram presos... foi todo mundo preso, quando veio a repressão geral.

[LG] Essa é uma boa base, o seu livro, para eu compreender um pouco melhor o contexto da época, o impacto da ditadura naquele período, para ancorar o tal nascimento do Instituto... Uma das coisas que quero entender melhor foi a dissolução do PTB, que foi pensada no interior da Ditadura...

[MAL] Exatamente!

[LG] E, depois da Ditadura, o apagamento de toda a herança trabalhista e do PCB, que o PT vai acabar corroborando ao se reconhecer como uma nova esquerda, ligada a um novo sindicalismo...

[MAL] Exatamente isso... Uma coisa que é muito triste de ver, para uma pessoa da minha idade, é a maneira como as pessoas fazem para construir alguma coisa: destruindo o passado. Pegam coisas que estavam feitas, com muito esforço, e destroem. O Bourdieu fala sobre isso muito bem: a precarização, que se produziu com o neoliberalismo econômico com os Chicago's boys... Mesmo se pegar o Estado de Bem-Estar Social, da França de 60, 70, por exemplo, e ver a França hoje, é uma tristeza! Esse chamado neoliberalismo, na verdade o domínio do capital financeiro, que eles não gostam de falar, ou quando falam não falam com clareza, está destruindo tudo... Tem um livro do Robert Castels que eu recomendo você a ler porque é maravilhoso: chama-se "As metamorfoses da questão social". Lá, ele mostra exatamente quando há essa virada, quando o trabalho deixa de ser um contrato que fundamenta a sociedade e regula as relações sociais, e a sociedade torna-se baseada no indivíduo, não no social, e deixar as pessoas desprotegidas... As pessoas passam a ser despedidas sem ter nada, não têm seguro social, não têm acesso a saúde, não têm nada... O Estado não tem mais nenhum compromisso com elas. Hoje em dia, todos os caminhos levam ao privado. E o pessoal jovem, como você, ainda tem tempo de investir em previdência privada, mas as pessoas de 50 anos e mais, não têm qualquer perspectiva!

[LG] Puxaram o tapete...

[MAL] Sim, puxaram o tapete. Eu acho até legal se tirar alguns privilégios instalados no Estado, mas tem que ter transição. E, de qualquer jeito, é tudo nivelado por baixo, muito por baixo... os ricos e muito ricos é que comandam e decidem. Eu sou marxista neste ponto: a “mais-valia” não deixou de existir, nem as “classes sociais”. Hoje tem outra configuração, mas está tudo aí... quem paga essa conta são os trabalhadores. Se pegar o imposto de renda, por exemplo, quem paga a conta? São os trabalhadores assalariados e a classe média. Os ricos pagam quanto? Tem um trabalho de um jornalista, um artigo, que ele mostra a partir de um estudo do IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] que os ricos e muito ricos pagam apenas 6,5% do imposto de renda recolhido, enquanto nós pagamos 27%. Esse pessoal está rico com o dinheiro de quem? Quem cria “valor” é o trabalho...

Sobre a pergunta em relação a minha aptidão política, eu posso dizer que sempre tive preocupação política e convivi com a política, digamos assim. Eu nunca consegui entrar para nenhum partido político. Eu sou muito independente e, num certo sentido, muito individualista. Eu convivi muito com o pessoal da POLOP [Organização Revolucionária Marxista – Política Operária] aqui no Rio, um pessoal de esquerda, eles se reuniam no meu apartamento. Nós tínhamos uma república. Quando eu vim para o Rio para fazer a Especialização em Antropologia, arrumaram um lugar para eu ficar na Federação dos Bandeirantes, no Centro. Só que lá faltava muita água. Naquela época, a questão da água no Rio era um grande problema. Nós nos organizamos, 5 mulheres que morávamos lá, e alugamos um apartamento em Copacabana, um conjugado: uma salinha de nada e um quarto grande... nessa salinha, vinha um pessoal de São Paulo e do CPC [Centro popular de cultura, ligado a UNE, União Nacional dos Estudantes], que gostava de ficar ensaiando ali, não sei por quê. Quando chegávamos tarde tinha que passar pisando em gente que dormia no chão... Mas eu nunca consegui entrar para partido nenhum, porque quem decide é a cúpula que não te dá nenhuma satisfação. O militante é aquele que é alimentado com ideologia e tem que fazer o que é mandado...

[LG] A questão do centralismo te incomoda?

[MAL] Sempre me incomodou... e “centralismo democrático” nunca foi democrático [risos nossos] ... Porque falar de “centralismo” você ainda aguenta, mas democrático, não dá. Veja o PT, é totalmente centralista. Quem manda é o Lula; e ponto final. Mas liderança é importante. Nenhum movimento caminha sem um líder. E eu acho que todos os partidos são assim, não era só o POLOP, não era só o PCB... e agora o PT...até hoje ainda é assim: há um núcleo central que toma as decisões e o resto segue...

[LG] No Brasil isso é uma característica bem-marcada: poucos decidindo...

[MAL] Mas, de qualquer jeito, eu sempre estive voltada para a política... sempre discuti política, sempre li, estudei... e na academia, eu só consigo pensar academicamente e politicamente. Para mim, a academia tem uma função política. Primeiro, tem a função de formar uma elite. Não adianta querer dar Universidade para todo mundo... sou acusada de elitista e sou mesmo! Embora eu ache que a elite, esta atual elite, ela reproduz relações de classe. Mas para se impedir isso, não acho que seja através de um amplo sistema de cotas. A curto prazo pode ser. Para impedir, a longo prazo, tem que investir “barra pesada” no ensino médio e fundamental. Um ensino básico de boa qualidade faz com que o que está embaixo consiga chegar lá em cima, em condições, iguais não digo, mas mais próximas de competição. E que se possa manter um nível alto. Sempre vai ter alguma desvantagem, porque a formação não é só na escola, também acontece na família, mas se pode dar compensações para esses que vem de famílias menos aquinhoadas. De qualquer jeito, eu não vejo forma de se dar Universidade para todo mundo. Socialmente, se tira qualidade da elite. A Universidade deveria formar bons profissionais, como no passado, antes da existência da pós. Essa agregou muito valor à formação universitária, principalmente a criação e expansão da pesquisa científica, mas trouxe também efeitos nefastos sobre a graduação. A graduação no Brasil, por exemplo, ficou tão desvalorizada, que até o mercado hoje exige

doutorado para empregar um candidato. E esse nível, em princípio, deveria ser exigido apenas para pessoas dedicadas a atividades acadêmicas. Sou a favor de um ensino médio de qualidade, um ensino técnico especializado, que forme profissionais de alta qualidade, como a Dilma, num certo sentido, tentou fazer. Acho que nenhum país se desenvolve sem isso, sem uma mão-de-obra de nível médio e técnico bem formada, sem uma elite bem formada, sem cientistas bem financiados, no sentido – vou usar uma palavra muito ruim – de uma "elite esclarecida", se é que isso pode existir. Geralmente é muito esclarecida para defender os interesses dela. Falo de uma elite cientifica e cultural que possa, com a sua atividade, contribuir para desenvolver o país e, ao mesmo tempo, criticar o sistema político, o sistema econômico... que possa contrabalançar o papel da elite econômica...que possa principalmente contribuir para eliminar ou, pelo menos diminuir as desigualdades sociais. Se é que isso também seja possível num país como o nosso.

[LG] É uma organização cultural parecida com o que é a França, não?

[MAL] Eu sou republicana... nesse sentido, é uma organização parecida com a França, ainda que com muitos privilégios e problemas. Bem diferente dos Estados Unidos...

Aqui se fala em República, mas na verdade não existe. Os políticos trabalham para os seus grupos não para a coisa pública e o bem comum. Acho que na França existe isso, essa ideia de público, de bem público, muito em consequência da Revolução Francesa. É impressionante como os franceses incorporaram as noções de direitos e deveres. Eles respeitam muito os deveres do cidadão, são mesmo muito reprimidos. Mas mexe nos direitos deles para ver... eles vão logo para a rua. Em Paris, por ex., quando eu morei lá, tinha manifestação, passeatas, em defesa de algum direito, quase todo dia.

[LG] Nos Estados Unidos a elite só quer produzir dinheiro [risos meus]...

[MAL]De uma maneira bem simplificada, sim, devido a força do capitalismo liberal. E na França, agora, são outros tempos... a direita está ficando muito forte... realmente, a questão dos imigrantes é um problema para a Europa, de um modo geral... o [Vladmir] Putin é um problema... o Oriente Médio é um problema... quando se vai lá, se vê que não dá para “meter o pau” na França por não acolher imigrantes... não dá para dizer que não se pode acolher... é muito complicada a situação! É importante e humano acolher o imigrante. Por um lado, eles contribuem com trabalho e com sua visão de mundo para a cultura francesa. De outro lado, os imigrantes estão também contribuindo para destruir aquela civilização francesa, no sentido daquela cultura de elite, bem criticável, mas que é, bem ou mal, um patrimônio iluminista... Vou te dar um exemplo: em Paris, você pega um ônibus e vai ao [bairro] 19ème, um lugar cheio de imigrantes. Ele sai, o ônibus, de *Montparnasse* e vem o francês todo reprimido, quietinho, sentado no espaço do ônibus pequenininho... quando se chega na *Republique*, começa a mudar: entra um monte de africanos falando alto. Aliás, eu estive na África, terminei minha tese de doutorado na África. Adorei a África...

[LG] Esteve na Argélia?

[MAL] Não, no Togo e em outro países. Na Africa do norte estive no Marrocos, onde passei um mês. Passei mais tempo no Togo, mas andei por toda a África Ocidental até o Niger, no Saara. Eu tenho histórias maravilhosas de lá. O meu livro sobre Medicina Popular em parte, eu pude escrever porque tive essa experiência na África, em que você vive numa sociedade de ponta cabeça, em que a magia é legítima. Ela deforça as normas e regula os conflitos. Mas quando eles estão na França, a diferença é muito grande. Como eu estava dizendo, o ônibus ia com o francês todo reprimido...de repente, quando os africanos entram, vem todos brigando com todos, falando alto ao telefone... o que constrange os presentes. Na África, essa atitude seria perfeitamente normal; o africano fala alto, é muito alegre. No ônibus fica constrangedor. Na África a poligamia é aceita. Então, tem a casa do homem e as casas das mulheres com os filhos; os conflitos são mais ou menos

controlados. Ele vai nas casas das mulheres. Elas brigam, mas são amigas... Na França, elas vão todas juntas morar em um quarto pequeno, é uma brigalhada! E aí, põe assistente social para ensinar essas mulheres a como se liberar do marido, da autoridade do marido e começar a trabalhar, para terem o dinheiro delas e levarem os seus filhos para outro alojamento. E o esforço não foi em vão, com a imigração mais antiga. Com eles conseguiram integrar o imigrante. Mas agora ninguém está dando conta. Os imigrantes mais antigos, do Magreb e de Portugal, se integraram a França. Os mais recentes formam guetos, principalmente os de origem mulçumana e vivem hostilizando a França e os franceses. Aliás, não são somente os pobres que ocupam a França. Acredito que mais ou quase metade dos imóveis parisienses, já estão na mão de estrangeiros, principalmente de árabes e americanos. Eu vim da Europa agora, eu estive na França e em um Congresso na Índia, em Mumbai, recentemente, e, voltando do aeroporto, passei pela Avenida Stalingrado, onde deparei, segundo o motorista do taxi, com mais de 4 quilômetros de barracos, de um lado e de outro do passeio, debaixo do metrô... em Paris tem o metrô aéreo e, embaixo, tem passeios: agora, de um lado e de outro dos passeios, só se veem barracas, pessoas dormindo na rua, o comércio fechado, um cheiro insuportável... Diante desta situação, o que a França está fazendo? Construindo alojamentos para colocar essas pessoas, não tem como elas permanecerem onde estão... Tem os fugitivos do Boko Haram por uns 2 quilômetros e, um pouco mais para lá, os árabes do Afeganistão, da Síria.

[LG] O Boko Haram tem um núcleo lá?

[MAL] Não, não é núcleo deles, são fugitivos. Eles devem estar lá também, mas não oficialmente... O chofer de taxi virou-se para mim e disse assim: “os franceses falam que estão ralando, tem que pagar aluguel caríssimo e não tem onde morar... esses caras chegam aqui e o governo faz casa de graça para eles”. Olha o drama... O que é que o governo pode fazer? Não tem outra saída, tem que fazer isso mesmo, não pode matar as pessoas, nem mandar de volta...

[LG] O governo também tem uma responsabilidade histórica, não?

[MAL] Sim... a maior parte desses imigrantes, sobretudo os mais antigos e os afrodescendentes são resultado da colonização francesa em seus países. Mas quando esse processo migratório se intensifica, o que acontece? o francês fala como o motorista, e vai votar em quem?

[LG] Na Le Pen, na extrema direita...

[MAL] Isso mesmo. Você vê o drama... E a coisa está muito complicada! Quando eu fui morar lá, em 2005, nós chegamos e uma amiga que passou 3 meses no Canadá dando aula emprestou o apartamento dela para nós, que ficava em *Belleville*. *Belleville* era uma rua popular, que fazia parte, como sede, do cancioneiro francês, foi onde nasceu Edith Piaf...

[LG] É onde se passou o filme "As Bicicletas de *Belleville*"?

[MAL] É, exatamente... Aquelas canções do Yves Montand... um lugar bem popular da França. Bem francês, bem popular. Chegamos lá, era um prédio moderno. Fomos atropeladas por um monte de chineses quando entramos. Nós colocamos nossas malas e eu desci para fazer compras. Quando procurei onde fazer compras, não tinha um supermercado, uma padaria... quando se encontrava uma padaria e entrava, só tinha chinês vendendo produtos chineses. Só restaurante chinês... cheguei em casa atordoada, achando que tinha trocado de avião: que tínhamos ido para Xangai! [risos nossos] Estamos em Xangai, não em Paris! Eu perguntei para uma pessoa: "onde é possível comprar comida francesa aqui?", e a pessoa me indicou. Quando eu cheguei no supermercado, estava completamente desabastecido. Viam-se produtos ocidentais, mas que eram cópias chinesas: esses produtos "piratas", que se vê muito por aqui também... claro que nós ficamos por lá, mas tivemos que nos adaptar: a rua *Belleville* se tornou totalmente chinesa, coreana, malasiana, laosiana... Tinha uns restaurantes que nós frequentávamos.

Quando começávamos a falar com as pessoas, víamos que tinha muita gente do Cantão, de algumas outras regiões da China, tinha gente do Laos, do Camboja... Todos trabalhando como uns condenados... No prédio que estávamos morando, todos eram chineses. Seguindo para a parte baixa da rua, se caia na França, de novo. Um bairro de classe média. Na pracinha de *Belleville*, onde tinha o metrô, à direita era dominada por negros, a esquerda por árabes... Se for lá, você vai encontrar isso... Na praça, a esquerda, todos as lojas, todos os restaurantes eram árabes. Nem precisava viajar para comprar produtos e comer comida árabe. Na direita, os negros se organizavam da mesma maneira. Quando você for a Paris, tem que ir ver esses bairros...São muito interessantes.

[LG] Eu estive lá em 94...

[MAL] Você tem que voltar agora. Não tem nada a ver...

[LG] Quando eu estive lá era, talvez, o ápice da União Europeia. Portugal também estava passando por um processo de modernização acelerado. Era um momento de muita euforia, os subúrbios de Paris estavam sendo modernizados como *La Defense*. Era outra onda, tanto que o meu Tio morava em Saint Denis, à época, e que hoje é um bairro complicado, do ponto de vista da segurança. Na época, era um bairro pacato, tranquilo, em urbanização...

[MAL] Paris era toda assim. Agora, se você for lá, é tudo complicado, do ponto de vista da segurança. Voltando a *Belleville*, quando se descia a rua, tinha um espaço que chamávamos de Saara. Ali era tudo misturado, tinha coisas baratinhas... parecia o nosso Saara mesmo. Se descesse mais dois quarteirões caia no 11ème, que era um lugar *branché*, isto é, ligado, na moda, frequentado principalmente por franceses: cheio de barzinhos, onde ia a juventude francesa... E, hoje em dia, se você voltar a *Belleville*, é triste: só tem chinesa prostituta na rua... Ou seja, já passou a fase da absorção nos empregos, das famílias que abriram os restaurantes, dos pequenos comércios... hoje vemos muitas mulheres na rua, se prostituindo. É uma

transformação muito complicada de se ver. A globalização realmente produziu resultados muito positivos por um lado, e muito estranhos, por outro. Não sei onde isso vai dar. E não sei avaliar se é bom ou ruim. É fato.

[LG] Tá começando a ficar mais claro, agora.

[MAL] Você acha que está mais claro? [risos dela]

[LG] Está se desenhando um futuro bem sombrio, do ponto de vista dos conflitos...

[MAL] Bem sombrio! Isso eu acho, também.

[LG] Essa descrição que você está fazendo de Paris, acho que já tem a ver com esse futuro. Vai explodir.

[MAL] Não sei. Parece não ter muito jeito...

[LG] Voltando ao IMS. Estávamos falando sobre a sua atuação política, sua participação no governo municipal do Itamar. Depois disso, você vem ao Rio de Janeiro, trabalhar com um grupo de médicos. Dentre eles, você reconhece no grupo uma verve política muito intensa e isso te encanta de algum modo, embora você não tivesse uma identidade intelectual grande com o grupo...

[MAL] É mais um encantamento pela proposta e a questão da instabilidade em que eu vivia, em São Paulo. No começo, foi isso: era a pesquisa que ia me garantir financeiramente.

[LG] Como aqueles médicos conseguiam tanto financiamento, num momento difícil como aquele?

[MAL] Conseguiam porque tinham relações na FINEP. O presidente da FINEP era amigo do grupo. Era um pessoal do PCB, pessoal da esquerda carioca. O pessoal era originário do PCB, a maioria deles. O Reinaldo Guimarães, o Fábio Celso, que era o presidente da FINEP. Era um conjunto de relações que se construía no ambiente da esquerda, na resistência a ditadura...

A pesquisa me interessou muito...

[LG] Quem te ofereceu a pesquisa, oficialmente?

[MAL] A ideia da pesquisa foi da Lygia [Sigaud]... Na verdade, eu tive interesse nessa pesquisa por causa da Lygia. Foi a Lygia quem me indicou. Eu gostei da ideia da pesquisa. O Fiori me "cantou" em São Paulo e eu gostei do desafio de construir uma disciplina...

[LG] O Fiori foi, sempre, o seu interlocutor?

[MAL] O meu interlocutor mais próximo sempre foi o Fiori. Depois eu fiquei amiga de todo mundo, especialmente do Reinaldo Guimarães... nós íamos beber no Botafogo [bar da região de Vila Isabel, em frente ao Hospital Universitário], era um grupo muito alegre.

[LG] Ia todo mundo?

[MAL] Ia esse pessoal: Reinaldo - o único que não ia, ou ia muito pouco, era o Hésio -, a Nina, Fiori, [Ricardo] Tavares, Regazzi, [José Carvalho de] Noronha... eram essas as pessoas.

[LG] E esse grupo era harmônico, tinha organicidade?

[MAL] Era um grupo orgânico, não tinha desarmonia, nem briga. Eram todos jovens e entusiasmados. Tinha o núcleo central, que era formado pela Nina, Hésio, Fiori,

Noronha e o Reinaldo... depois, o Reinaldo e o Hésio se desentenderam, por causa da Sub-reitoria da UERJ...

[LG] Isso já na década de 90?

[MAL] Isso. No período inicial, era um grupo bem entrosado... A minha entrada se deu por problemas meus, por eu precisar de dinheiro, pelo encanto com a pesquisa e pelo desafio colocado pelo Fiori... Mas eu não pensava em me mudar para o Rio. Eu era casada, meu marido trabalhava em São Paulo. Eu só vim a entrar para o Instituto depois...

[LG] Pelas coisas que disse até aqui, a sua trajetória intelectual foi fora do Instituto...

[MAL] Foi, em parte, fora do instituto. Eu fiz Ciências Sociais em Juiz de Fora, fiz especialização e mestrado em Antropologia no Rio, no Museu Nacional. Depois, fiz meu doutorado em Paris, com o Alain Touraine. Trabalhei muito tempo na PUC de São Paulo e no CEBRAP. Eu só saí desses lugares no final de 88... Depois, quando eu estava em Paris, me convidaram para fundar o NEPO, que é o Núcleo de Estudos de População, da UNICAMP. Trabalhei lá também. Teve uma época em que eu ficava rodando de avião por vários lados...

[LG] O IMS nunca foi uma referência para você, em termos de trabalho intelectual?

[MAL] Não, não era. O pessoal de São Paulo era a minha referência... mas eu vi na Saúde uma possibilidade muito interessante para se pensar o social. O contato com os médicos, a crítica da Medicina, tudo isso era uma coisa muito estimulante... eu nunca pensei em termos de carreira intelectual... Outro dia, em um Seminário sobre o Bourdieu, o Renato Ortiz me acusou e ao Sérgio Miceli de termos usado o Bourdieu para alavancar as nossas carreiras... eu nunca pensei em carreira. Eu fui

indo... indo... Fui indo na vida. Onde tinha espaço eu fui entrando, eu ficava ou saia, de acordo com as circunstâncias... mas nunca tive um projeto pessoal e intelectual.

[LG] Quando você encontrou o Bourdieu, já tinha certa trajetória...

[MAL] Já. Até os meus 30 anos, eu ficava dividida. Quando vim para o Rio fazer a especialização em Antropologia, vim porque estava dançando com o Roque Laraia em Pouso Alegre e ele me falou desse curso e que tinha uma bolsa. Aí, o meu olhinho já brilhou, porque eu queria vir para o Rio fazer Belas Artes. Sempre tive grande habilidade manual, desenhava bem, queria fazer Belas Artes. As Ciências Sociais não faziam parte do meu projeto. Só não fiz Belas Artes porque, quando entrei no Museu Nacional, o curso era altamente privilegiado: começava às 9 da manhã e ia até às 5 da tarde, com uma carga de leituras monstruosa. E eu ainda curtia a *night* com o pessoal da Bossa Nova, quase todos os dias. E tinha só 20 anos. O meu tempo era totalmente ocupado. E achei Antropologia muito interessante. A Antropologia serviu para mim como uma Psicanálise... Eu vim de Minas, que tem pessoas com umas cabeças muito fechadas... a Antropologia relativizou para mim todas as certezas, aquelas regras que me impunham e que me revoltavam, mas que eu podia fazer muito pouco contra... só por eu ser mulher, eu não podia fazer nada... homem podia tudo, mulher nada... eu era revoltada com aquilo. E a Antropologia me ajudou a relativizar: vi que não existia só Minas Gerais, Brasil... que o mundo não era assim. A Antropologia me ajudou muito, por isso, eu fui ficando... quando você não tem dinheiro, não tem herança, não tem nada, vai seguindo as oportunidades de trabalho. Um exemplo: quando eu fui trabalhar na PUC e no CEBRAP, foram as oportunidades que eu tive de trabalho. Depois, quando eu vim para o Rio, para o IMS, foi pela mesma razão. Quando eu cheguei aqui, comecei a encarar o que eu tinha a fazer aqui. Tanto que, quando veio a anistia e o pessoal todo debandou – o Fiori foi fazer concurso para titular na UFRJ, a Madel também, o Hésio foi para o INAMPS, o Reinaldo foi para a FINEP -, ficamos no Instituto o Tavares, eu e o Regazzi. E eu tinha acabado de ser eleita – eleita não, empurrada, porque eu tinha horror de administração – para ser coordenadora do

mestrado. E eu pensei: “o que é que eu vou fazer?”. Eu tinha acabado de me mudar para o Rio, nessa época [85/86], nem tinha acabado de arrumar o meu apartamento. Tinha acabado de entrar na terapia, porque eu tive problemas sérios: na França eu me separei, fiquei muito mal, cheguei no Brasil e eu estava muito mal... Pensei “não vou voltar para São Paulo nessa altura”. Eu tinha alugado o meu apartamento em São Paulo. “Bom, vamos enfrentar a onça”. Foi aí que, junto com o Benilton, redigimos aquele documento que foi discutido na Casa de Rui Barbosa. Na época, eu falei com o Hésio: “eu fico com uma condição: vocês vão me dar dinheiro para eu poder dar um jeito neste Instituto”. Do jeito que estava, não dava... eu e a Madel tínhamos uma sala que, quando dava 17 horas, tínhamos que mudar, ir para uma sala que tinha luz, só tinha uma lâmpada na secretaria e em uma sala perto dela. Era uma coisa que você não pode imaginar: o sexto andar não era nosso; no sétimo, só tínhamos um dos corredores. Estava tudo em obra ainda, no tijolo... “não dá para ficar aqui. Mas, tudo bem, eu fico com essa condição”. E outra condição – o Regazzi queria transformar aquilo num Instituto de serviços, junto com o pessoal da Medicina Integral do Hospital -, eu falei: “se é mestrado, tem que ter mestre, tem que ter doutor. Temos atividades acadêmicas”, e, então, escrevemos o documento [mencionado acima]. “Nós vamos montar uma academia aqui dentro, não tem jeito”, não tinha uma alternativa... o Hésio topou, passou para a FINEP 5 milhões, à época um dinheirão, a FINEP repassou para o Instituto. Eu convidei uma amiga que era arquiteta e pedi a ela: “você vai fazer um projeto para mim”. Eu precisava do projeto para conseguir o dinheiro. Eu avisei a ela: “não posso te prometer que você vá receber, mas se passar, você recebe”. Ela topou, fez o projeto do Instituto, nós conseguimos o dinheiro e foi feita a reforma. Reformamos tudo: blocos, salas, banheiros, compramos móveis, equipamentos... têm as fotos dessa inauguração, mais a Sonia [Correa], que era nossa secretária e deu muita força, trabalhando junto comigo, sumiu com elas. Depois, quando terminou minha gestão como Diretora, o Noronha voltou e depois que foi eleito, ela desentendeu-se com ele e saiu *do Instituto*. Ela ficou revoltada, pegou as fotos e não entregou mais. Cansei de cobrar dela e ela não entregava. Ela sumiu, ninguém sabe dela... mas ela foi muito importante, na época, me ajudou muito: fazíamos as coisas na minha casa,

recebíamos todos os fornecedores, negociávamos preço... foi aí que nós descobrimos que os caras ofereciam dinheiro... era a corrupção, todo mundo oferecia dinheiro. E, claro, nós não aceitávamos, pedíamos diminuição do preço. Então, quando nós fechamos o acordo para comprar os móveis – e eles ofereceram dinheiro para nós, dissemos: tudo bem, só que vocês não vão dar para nós, vocês vão doar para o Centro de Estudos em Saúde Coletiva, CEPESC. E eles fizeram uma doação. Para os outros fornecedores pedimos desconto. Foi com esse dinheiro que nós fizemos o capital inicial do CEPESC. E o [George] Kornis ainda saiu dizendo que nós ficamos milionárias, nos enchemos com o dinheiro da reforma. Ao contrário: todas as notas estão disponíveis, nós realmente trabalhamos para o IMS! O que nós fizemos foi procurar o melhor pelo melhor preço, o mais barato.... a única propina que nós pegamos foi essa, para poder fundar o CEPESC.

[LG] Quando você diz "nós", quem são?

[MAL] Eu e a Sonia.

[LG] Então, dentro do Instituto, esse processo de reforma foi muito solitário, para você...

[MAL] Foi, foi muito solitário... Depois, nós fizemos um movimento político, que se chamou "Uerj Nos Une", que foi o que levou o Hésio para a Reitoria... depois ele veio a ser Reitor, na década de 90. O primeiro eleito por esse movimento foi o Ivo Barbieri. O Ivo ajudou muito o Instituto e o Instituto o apoiou. Com o Ivo, eu consegui muitos contratos. Foi quando veio o Sérgio [Carrara], o Kornis... o Cid [Manso]... o Jurandir [Freire Costa], o Joel [Birman]... vieram todos mais ou menos nessa época. Com eles, nós botamos todos para fazer mestrado e doutorado. Quando eles fizeram o projeto que eu te contei, que queriam acabar com o nosso departamento, eu tinha conseguido alguns cientistas sociais de altíssimo nível, que eu conhecia, para fazer concurso para o Instituto: Elisa Reis, Aspásia Camargo... só que elas não ficaram lá, porque era realmente muito difícil para um cientista social ficar no IMS.

As Ciências Sociais não eram prestigiadas, com aqueles médicos mandando daquele jeito. E o ambiente não era intelectualmente rico... então, o pessoal se mandava. Depois eu consegui outras pessoas da PUC... o único que ficou, foi o Luiz Antônio [Castro Santos]. Cientistas sociais de alto nível não ficam ali. Apenas a Madel e eu aguentamos o tranco até o final. Das pessoas que saíram a Madel foi a única que voltou para valer. Ela fez sua carreira de socióloga toda no Instituto, formou vários alunos e sempre estudou temas relacionados à saúde. E só saiu porque foi praticamente expulsa de nosso departamento, junto com um sociólogo, muito promissor, indicado por ela. Desde então, o departamento não tem mais sociólogos (não falo das pessoas que entraram recentemente), o que significa, portanto, pouca possibilidade de uma perspectiva realmente crítica e mais política da saúde no Brasil. As pessoas que estão, hoje, no nosso departamento, os mais antigos, são antropólogos que fizeram concurso para o Museu e não passaram. O que um colega do próprio departamento chamava de "as viúvas do Museu Nacional". O próprio Sérgio [Carrara] ficou anos se orientando pela Antropologia. Acho que até hoje eles ainda se orientam pela Antropologia. A Associação importante para eles não é a ABRASCO, é a ANPOCS [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais]. E a ABA (Associação Brasileira de Antropologia). Foi comentado pelos alunos que uma professora na introdução do curso de Teoria Social, do IMS, que o livro do Louis Dumond estava sendo indicado porque o Roberto Da Matta, o Gilberto Velho e o Luiz Fernando Duarte (gostam; não porque seria importante para a Saúde Coletiva.... é uma coisa muito complicada... se você ler aquele meu artigo, "A saga das Ciências Sociais", vai entender um pouco. Mas o pessoal de fora, da área da Saúde Coletiva, na ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública], por exemplo, tem muito mais cientistas sociais. Não é a toa que eles organizaram esse colóquio sobre o Bourdieu, agora. Lá fora, os cientistas sociais são mais bem acolhidos na área da saúde.

No Instituto, sinto, e pode ser apenas uma impressão, que essas pessoas me respeitam, reconhecem o que eu fiz, mas não gostam ou não entendem. Primeiro, porque eu queria que elas trabalhassem mais. Uma das características do Instituto é que os professores trabalham muito pouco, não sei se você percebeu

isso... Mesmo tendo 40 horas e agora dedicação exclusiva, a maioria tem outras atividades fora – não estou falando dos que entraram agora porque não os conheço, poucos são os que vivem só do IMS. Outros abandonaram muito cedo, como o Reinaldo, o Fiori... o Noronha, o Mário, o Dadá, a Madel foi, mais ou menos, obrigada pelo nosso departamento a abandonar... E, depois, o nosso departamento foi ocupado pelo pessoal do CLAM [Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos] ... em determinada época e eu tive uma briga feia com eles. Então, eu fiquei afastada e eles foram ocupando o espaço. E, de repente, eu descobri que eles estavam levando o Centro Latino-Americano de Gênero e Sexualidade lá para dentro, que negociavam diretamente com a Reitoria, sem passar pela SR-2, como seria o caso. Eu fui totalmente contra. Primeiro: eles iam ocupar todo o sexto andar do prédio, com o apoio do Regazzi e da Jane Said, que então dirigiam o IMS.; iam tirar espaço das outras áreas. Segundo e mais importante: eles estavam levando uma ONG [Organização Não Governamental], não propriamente uma ONG, que não era governamental, mas algo parecido lá para dentro, cujas decisões eram tomadas fora da Universidade e do país, na América Latina, e cujo projeto não era do Instituto, ou formulado com ele, mas exclusivamente da Fundação Ford, que estava pagando para eles executarem lá dentro o que era interesse de uma instituição privada norte americana: um ataque à soberania e às pessoas que pensavam no IMS. E eu sabia o que ia acontecer: quando a Fundação Ford tirasse o tapete, eles iam ficar disputando recursos e o departamento ia acabar se tornando um filhote de CLAM. Faziam concursos direcionados para trabalhar sobre temas de interesse determinados fora do IMS; e até os funcionários sabiam disso e criticavam. Eu mesma trabalhei muito sobre esses temas, numa outra abordagem e perspectiva. Acho que foi muito importante, inclusive para a área. Temas que agora não se justificam muito... dependendo da maneira como você aborda a questão de gênero, em vez de ir contra os estigmas, você os reforça. Eu tenho uma visão diferente: sou mais de falar da “dominação masculina”, de um ponto de vista histórico, mais feminista. Sobre o CEPESC, no começo, da maneira como ele foi concebido, era para financiar o conforto e as condiçoes de trabalho de todo o IMS. Pagávamos o pessoal de limpeza, o telefone,

computador... não era para financiar pesquisa. Eu criei o CEPESC por quê? Fui comprar um computador via CNPQ [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], pela Universidade, com a inflação *brabérrima* do período, quando o computador chegou, só dava para comprar a "carcaça"... não dava para mais nada, era muita burocracia... a UERJ, até hoje, é muito complicada, todo dinheiro que entra tem que passar pelo orçamento do Estado... Com o tempo, com o desenvolvimento dos grupos de pesquisa, muitos deles viraram verdadeiras instituições dentro do IMS, criando grandes diferenças entre eles, em função do financiamento obtido e da facilidade para obter financiamentos para pesquisa. O IMS virou um conjunto de *aparts hotel*: há grupos milionários, que tem tudo, sala, livros, telefone etc. e outros que não tem nada, mas que são importantes intelectualmente. Por exemplo, o André Rios, ele é uma pessoa muito inteligente, que pensa como um filósofo, tem cabeça de filósofo, mas não consegue recursos para pesquisa, o que seria importante. Você prioriza aquele que tem dinheiro, financiamento, tem recursos, que traz para o professor, que tem o poder, que controla o sistema de seleção, que dá prioridade aos próprios alunos, que ganham todas as bolsas... por aí vai, não tem mais o interesse coletivo, não existe! Não tem projeto politico pedagógico coletivo. Agora, o Instituto só pensa em como ganhar e manter a nota 7 na CAPES. E eu já fiz a minha crítica à própria CAPES, à própria Rita Barata [que foi coordenadora da área da Saúde Coletiva por longo tempo], concorda

[LG] Em que aspecto?

[MAL] Sobre o quantitativismo, esse não pode ser o critério primordial. De alguma maneira você tem que medir a qualidade.

[LG] Desde que a conheço ela está nesse movimento de qualitivizar a avaliação. A primeira vez que a escutei foi em 2013...

[MAL] Pois é. Aquele meu artigo foi escrito em 2007. Depois disso, as pessoas começaram a falar nesse assunto. Essa é uma coisa que eu me orgulho de ter feito

“pegar”. Fui eu que criei esse termo “quantitativismo”, numa fala na ABRASCO, embora as pessoas não citem. Essa é uma característica desse sistema de avaliação: você não pode citar outros, deve citar apenas o seu grupo. E tem que fazer “tábula rasa” do resto... porque o número de citações se tornou um critério importante de avaliação.

[LG] Você não formou grupo por que motivo?

[MAL] É pelo meu temperamento. Eu não sou muito de grupo fechado. Eu sou mais institucional, sou uma pessoa que investe na instituição, não em um grupo específico. Mas eu formei grupo sim, aqui e na França, em torno das pesquisas que desenvolvi em parceria com o pessoal de sociologia do CSE e com o pessoal da sociologia da saúde do CERMES. Primeiramente em torno do tema da reprodução social, da sexualidade e da reprodução biológica, que inclui a reprodução assistida e paralelamente, nos últimos anos, em torno dos medicamentos e da inovação biomédica. O grupo sobre sexualidade incluiu em nosso departamento, o Joel Birman, a Marilena Correa, a Marcia Aran, ótima pesquisadora, que perdemos devido a um câncer *brabera* e, no início, o André Rios e o Sergio Carrara. O Sergio fez sua tese de mestrado com um grande financiamento que consegui da Fundação Ford para estudar Aids e Sexualidade. Até hoje tem uma parte importante de pesquisa que fiz sobre sexualidade que não foi publicada; só publiquei a parte sobre AIDS. Vamos ver se um dia sai da gaveta. E sobre todos esses temas, incluiu várias pessoas de fora, da França e de outras instituições do Brasil, pessoas de quem até hoje sou amiga. Inclui também vários orientandos meus e de Marilena [Correa] que atualmente lidera o grupo, tanto em torno da reprodução, como, sobretudo dos medicamentos. Nessas pesquisas sou apenas pesquisadora sênior. Só faço o que me mandam. É muito melhor. Formei grupo também em torno do projeto de extensão Pensamento Contemporâneo, do qual participam, além da Marilena, o André Rios, a Heloisa Helena da Faculdade de Direito, a Débora Diniz da Universidade de Brasília e vários de nossos ex-alunos, além dos colegas da École (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales; EHESS)

[LG] Quem inaugura, no IMS, essa modalidade grupo, foi o CLAM?

[MAL] Não. Os grupos de pesquisa começaram a ser criados em torno de temas de pesquisa, por incentivo do CNPq, que, como a Capes avaliava os cursos, eles queriam também avaliar a pesquisa. Foi até o Reinaldo que trabalhou sobre isso. Mas não eram institucionalizados, muito menos no sentido de formar uma associação paralela , com muita autonomia. Isso quem fez foi realmente o CLAM. Eles que institucionalizaram essa modalidade. O grupo dos psicanalistas, por ex. não tinham essa perspectiva. Quando os psicanalistas saíram do Departamento o Grupo teve dificuldade de se reproduzir em termos acadêmicos. Quem institucionalizou essa rivalizarão que nada tem de politico ou cognitiva foi o CLAM. Por isso que enfatizei o papel do Sérgio, da Malu [Maria Luiza Heilborn], que entrou no IMS por transferência, não fez concurso para lá, e da Jane Russo que construíram essa modalidade segregacionista,; nada politica nem exclusivamente acadêmica. O Sergio entrou como um acadêmico, foi contratado exatamente porque me pareceu um excelente intelectual, com um futuro intelectual importante. Tanto que, como disse, foi a pesquisa da Fundação Ford ao final de 1980 - que eu coordenei e consegui os recursos - que financiou a Tese dele. Ele foi, realmente, um privilegiado: teve a tese financiada, os pesquisadores assistentes financiados para fazer a pesquisa dele... a pesquisa da tese dele foi dentro de um pacote de pesquisas mais amplo, conseguido com a Fundação Ford, sobre sexualidade e aids. Os grupos já existiam antes, estimulados pelo próprio CNPQ, sobretudo. A segregação de grupos institucionais, nada acadêmica, começou no IMS com o CLAM. E, numa certa medida, com o Pró-saúde do Eduardo e depois grupos também se organizaram naquele sentido. O curioso é que o próprio CLAM não se sente incluído no IMS. Eles não se identificam com os professores antigos. Agora inventaram que a história inicial do IMS não passa de um Mito de Origem que de fato não existiu. Como se fossemos uma tribo primitiva que precisaria de um mito para explicar sua existência , como se eles mesmos não fizessem parte do IMS e de sua história. Como se uma das características da Saúde Coletiva não fosse

exatamente a diversidade, a multidisciplinaridade e como se o IMS não fizesse parte, e como ator, da própria história da saúde no Brasil.

No começo [do Instituto], as pessoas eram muito amigas, muito alegres... bebiam juntas. Havia amizade, saíamos de lá e íamos beber com as pessoas, íamos nas casas das pessoas... e era uma coisa voltada para a Instituição, para um projeto comum. Ainda que as visões fossem diferentes, o projeto era comum.

[LG] Essa amizade te cativou a permanecer no IMS?

[MAL] Sempre ajuda... quando você tem uma boa relação com as pessoas que você trabalha, ajuda muito.

[LG] Esse ponto é uma questão para mim: você é uma referência na área das Ciências Sociais brasileira, não só na Saúde Coletiva. Seus livros são reconhecidos, você, enquanto intelectual, é reconhecida. Como um sujeito político, você é reconhecida, na área inclusive. Você foi presidente da CAPES, a primeira da área das Ciências Sociais. Ainda assim, você permaneceu no IMS, esse tempo todo, apesar das contrariedades expostas aqui...

[MAL] Primeiro: eu não fiquei muito tempo lá dentro do Instituto, na verdade. Eu fiquei muito no início, depois passei um tempo fora. Quando eu voltei, também fiquei pouco lá. Se você me ver entrando na UERJ, o pessoal todo lá de baixo me faz a maior festa, é muto gratificante. O pessoal do Instituto, com exceção de alguns professores e dos funcionários, poucos me tratam cordialmente. Alguns me cumprimentam formalmente; outros, nem olham para a minha cara [risos nossos]. Agora, com a Gulnar, o ambiente, em geral tem ficado mais amistoso e agradável. Dá vontade de frequentar novamente o IMS. Quando eu voltei para o Instituto, foi um tempo muito pequeno, foi esse período que o pessoal do CLAM já tinha implantada sua estratégia de ocupação no nosso Departamento, colocando lá dentro só o pessoal deles. Por exemplo, a Marilena [Correa] sofre um bocado na mão deles: barram alunos, puxam tapete... são barra pesada. As novas pessoas

que entraram lá entraram pela mão deles. Quando o CLAM foi aprovado na Reunião do Departamento, eu não pude ir, mas mandei um documento escrito para constar em ata; foi “sumido” na secretaria. Nesse documento eu dizia que era contra porque achava que aquilo ia destruir o Departamento, tirando seu caráter multidisciplinar. Agora, no Instituto, a Gulnar está mudando; o Cid era, realmente, um diretor que deixava muito a desejar. O Cid me fez, uma vez, perder um financiamento de 90 mil dólares porque, ele era tesoureiro do CEPESC, não foi lá assinar o formulário e disse que não podia ir. E era o último dia para enviar o pedido, que já estava aprovado. Quando fiquei sabendo fiquei uma fúria. E ele não estava nem aí...

A Gulnar não, ela está restaurando o IMS. A Jane Sayd acabou com a sala do cafezinho, cortou a sala de reunião ao meio... sabe quando se altera o espaço? O espaço todo bonito, transado, virou uma repartição pública. Puseram novamente no espírito de uma repartição pública. A Gulnar recuperou o espaço do cafezinho, as pessoas se reúnem, os alunos, se encontram... O que eu fiz foi destruído e ficou um deserto, o Instituto, não tinha nada... se manteve em pé porque até hoje tem uma fama, que permanece enquanto a nota é 7. Neste ponto, eles têm razão de querer manter a nota 7 na CAPES.

[LG] Essa nota me parece uma cenoura que perseguimos, uma cenoura construída...

[MAL] Claro, exatamente. Uma cenoura, mas não tem projeto político. Falo da Gulnar, porque a conheço.

[LG] Você acha que a Gulnar é a única pessoa do Instituto a ter um projeto político institucional?

[MAL] Não acho que seja a única, mas eu acho legal ela dirigir o Instituto porque ela pensa de forma institucional. Em uma reunião nossa, por exemplo, uma reunião final do instituto, que eu compareci, parecia uma reunião de burocratas da CAPES. Eu até falei isso [risos meus]. Porque todo mundo só falava e discutia a quantidade

de pontos: como é que se atinge, como é que corta, quem é que não corta... só se falou sobre os critérios da CAPES. Como manter a nota, como atingir a nota. A Gulnar foi a única que disse assim: “eu gostaria que alguém me dissesse o que o país está precisando que a gente estude”. É essa que eu acho ser a missão do Instituto! O Sistema de Saúde está caindo aos pedaços. Foi essa missão que me manteve no IMS... o Programa de Saúde da Família saiu, em parte, daquele meu livro, porque eu mostrava que as pessoas queriam um médico particular... se você ler o livro, você vai ver. Vale a pena, não é uma leitura ruim não... o que eles valorizavam era o médico particular, o médico que tinha na Posse [Hospital da Posse] e que cobrava algo como 50 reais. Uma “mixaria”, mas que dava atenção, conversava, era sempre o mesmo, o “médico da família” ...

[LG] Foi a base de elaboração da “Medicina Simplificada”?

[MAL] Não. Essa ideia já existia. Esse meu projeto entrou nessa vertente...

[LG] Algumas pessoas do Instituto, como o Noronha, pensaram sobre “Medicina Simplificada” ...

[MAL] Sim, mas eu criticava isso. Essa ideia de “Medicina Simplificada” era a de tratar o pobre como achavam que o pobre merecia: com uma medicina simples. Medicina complexa era para o rico. Eu trabalhava com a perspectiva de classe... aquilo ali era um prato cheio para a crítica: a Medicina é a coisa mais classista que tem! O mais proximo que pode interessar é o atual Programa da Saude e da Comunidade

[LG] E a Medicina, como era pensada no Instituto, já tendia a focalização da atenção?

[MAL] Tendia, completamente. Tendia completamente a focalização. E quando tentava sair disso... vou te dar um exemplo, de um Congresso em Fortaleza, que eu

fui. Fui chamada a participar porque eu tinha feito essa pesquisa sobre práticas médicas lá em Nova Iguaçu, sobre parto, inclusive. Eu até escrevi um artigo sobre essa pesquisa, mas sobre a parte teórica. Foi publicada na revista do CEBRAP com o título de “A Ciência pueril da puericultura”. É, exatamente, uma crítica da definição e atuação da puericultura, a que ela servi, etc. A capa da revista, a ilustração, fala demais sobre o artigo: era uma figura do Michelangelo, uma madona amamentando uma criança, com uma mamadeirinha da Nestlé [risos meus]... saiu do peito e foi para a mamadeira. Foi quando a Nestlé entrou nesse mercado. Eu estou orientando uma aluna na França, que está fazendo uma Tese sobre a Multimistura, onde vemos que se repete essa situação. Quando a Nestlé começa a fazer papinha, esse tipo de mistura - que foi criada por uma médica no Norte do Brasil, em cima de como as mães, usando restos, cascas de banana, farelo etc., faziam essa mistura e quando as crianças começavam a comer, diminuía muito a taxa de mortalidade infantil, as crianças começavam a engordar. Foi muito valorizada, até a Nestlé entrar com a papinha, com a farinha deles... Como é que isso passa pela Igreja e volta, foram relações de poder muito interessantes, a pesquisa mostra como os grupos econômicos vão dominando determinados setores...

[LG] E a Medicina está sempre a frente destes processos, propondo intervenções...

[MAL] A Medicina está sempre e de alguma maneira aliada a isso. Vou te dar um exemplo: eu tenho uma prótese de quadril. Quando eu comecei a ter problemas com minha perna, uma amiga me disse: “consegui uma consulta para você, lá no Hospital Sarah Kubitschek”. Eu fui: fiquei impressionada, encantada! Era um lugar *super* legal, uma sala de espera legal, espaçosa, com televisão, tudo limpo. Tinham as cabines e nos davam uma roupa para nós vestirmos, que não era essa porcaria de papel que médico te dá: era de pano, toda limpinha, bonitinha. Você chegava e o médico te atendia logo, vinha logo conversar. O médico me disse o seguinte: “o seu caso é um caso de operação, mas a sua cirurgia é muito invasiva e não tem durabilidade. Você vai fazer o seguinte: um exercício, sempre na água, vamos te

ensinar...". Eu saí do consultório e me encaminharam para a piscina. Duas piscinas cheias de pobres, de negros fazendo exercício. Tinham tapetes e toalhas para todos, me deram maiô, toca, toalha... eu fui para a piscina, uma mulher me ensinou os exercícios, os registrou para mim num papel com desenhos digitados, eu tomei banho, botei a roupa e voltei para o consultório. Lá, um rapaz me deu uma bengala, me ensinou a andar com ela... eu fiquei traumatizada com a ideia de usar bengala, saindo com a bengala de lá. Depois, me levou para um lugar cheio de camas e me ensinou a fazer exercícios na cama, tudo muito simples, usando apenas lençol e travesseiro. O que qualquer pessoa sem recursos podia fazer sozinha. Ensinou-me a fazer os alongamentos... um negócio sensacional! Eu perguntei para ele: "como é que pode isso? Toda a Saúde Pública podia ser assim, porque, não é?". Sabe o que ele me respondeu? "Porque o setor privado precisa ganhar dinheiro" [risos meus]. Quando se vai estudar a Medicina, é isso mesmo. Vai-se estudar reprodução assistida, por exemplo, como eu e Marilena estudamos, é um comércio. Não toda medicina, é claro, mas a medicina privada e a área de medicamentos. Em geral, a Medicina é um comércio. Os laboratórios farmacêuticos, por exemplo, têm um livro nosso rodando por aí [intitulado AIDS e Saúde Pública], da Marilena e do [Maurice] Cassier. Nele, tem um artigo meu sobre a introdução dos medicamentos genéricos no Brasil. Lê aquilo para você ver como é que são os laboratórios. Não tem jeito, o capitalismo é ... apropriação! Eu acho que a contribuição que o intelectual pode dar é usar as ferramentas teóricas, fazer um trabalho de bom nível – porque não adianta fazer um trabalho "nas coxas" que não adianta nada -, realmente tem que investir. Eu estava falando sobre as pesquisas no CEBRAP, as pessoas não fazem mais isso. Não tem dinheiro e quando tem dinheiro emprega em outras coisas, ninguém vai para o campo, ninguém vai lá ver... fazer uma mesa para debater esses trabalhos... hoje em dia você não consegue mais nenhum estudante para trabalhar com você. Antigamente, se trabalhava para aprender, trabalhava de graça, subia morro... hoje em dia, tem que pagar. Se for pouco, não querem nem saber... ninguém está interessado no conhecimento. Essa é uma mudança radical e que, na minha visão, não é uma mudança gratuita. É uma mudança que vem com o sistema econômico, que vai se implantando aos poucos, que vai criando esse pensamento

único, como descrito pelo Bourdieu. Quem faz essa crítica, principalmente, é o Bourdieu, entre outras pessoas. É o processo de precarização das pessoas. Eu participei ontem de uma banca de Tese muito boa! A Tese é excelente! Orientada pela Marilena [Corrêa]. Muito bem feita, daquelas que dá gosto de ler... Via-se que a menina trabalhou mesmo, conhece a literatura. Passou anos trabalhando na prisão, o trabalho foi feito na prisão. Ela trabalhou anos com mulheres prisioneiras, muitas com filhos, dentro da prisão. E ela tenta explicar por que são presas, ficam presas e como são tratadas e diferenciadas por gênero, pelas condições prisionais, pelo corte de classe e a pobreza. Tem inclusive o trabalho do Loic Wacquant, que ela cita, que mostra como, o neoliberalismo exclui as pessoas e controla, em parte, as pessoas excluídas, através da prisão. A prisão é um dos meios de controle da sociedade capitalista moderna...

Aliás na pesquisa coordenada pela Marilena e pelo [Maurice] Cassier que desenvolvemos em parceria e com financiamento dos franceses, conseguimos reunir ótimos alunos. As teses que eles produzem e continuam produzindo sob a orientação da Marilena e que eu cooriento são excelentes. O Paulo Henrique do Planejamento que tem participado de algumas bancas tem comentado sobre isso.

[LG] E a Medicina também [risos meus]...

[MAL] Claro! Claro! Pega o SUS! Agora, com esse teto de gastos, então... vai ser uma beleza: por um lado, vai impedir os nossos “valiosos” políticos de gastarem com os amigos, nas “políticas” deles, no que eles acham importante etc. Mas, por outro, vai cortar coisas importantes, como na educação e na saúde. Se bem, que tanto na educação como na saúde, eu acho que não é preciso apenas recursos, é preciso boa administração. Tem muito ralo nessas áreas que contam com orçamentos elevados, roubalheira e má administração. Podia-se fazer muito melhor.

[LG] No Instituto conversamos bastante sobre esse ponto: parece que há um desinteresse sistêmico, a gestão fica perdida numa infinidade de

preocupações fragmentárias, de subsistemas públicos privatizados... Não há muito compromisso com o SUS, na totalidade.

[MAL] Exatamente... Não há compromisso... Até há compromisso, mas é pouco representativo. E tem os milionários planos de saúde. Investiu-se muito no sistema privado de Saúde. Os planos de Saúde hoje... olha, eu sou revoltada! Essa conversa comigo não é legal... Eu sou uma crítica ferrenha disso.

[LG] Você acha que o Instituto tem um papel na resistência ao crescimento do privado?

[MAL] Atualmente eu não sei se tem... pode ter... deveria ter, é claro! Acho que a ABRASCO pode ter um papel importante e o Instituto também, se quiser, se tiver engajamento. Mas eu não vejo as pessoas olhando muito para esse assunto. Eu comecei a fazer um trabalho com o Pedro Villardi, para analisar as publicações da área e vermos sobre o que elas tratam. Quem trata do SUS? Quem fala do SUS? Poucas pessoas. As pessoas não estão olhando as necessidades do sistema público de saúde;., elas estão fazendo o que os financiadores querem. É muito complicado! O Instituto pode ter um papel importantíssimo...Mas não acredito que venha tendo. Hoje só vejo a Ligia Bahia falar de saúde suplementar. No Brasil esse é um setor que vem crescendo em detrimento da expansão e qualidade do SUS. Eu mesma desconto para o INSS, mas tenho plano de saúde. Para mim, por definição, saúde tem que ser um bem público; não uma mercadoria.

[LG] Nessa análise de longo prazo, que você tem ensaiado na entrevista, sobre o Sistema de Saúde: a partir de um momento o privado passou a ser priorizado. Você acha que o IMS foi um centro de resistência a esse processo?

[MAL] Atualmente, eu não sei.

[LG] Em algum momento foi?

[MAL] No passado sim. E acho que pode ser, ainda. No passado com certeza. Eu mesma fui uma que, quando fiz essa pesquisa no CEBRAP, esbarramos em São José dos Campos, com as cooperativas médicas: já dava para ver no que ia dar aquilo... já dava para perceber.

[LG] O Hésio foi atrás disso, depois...

[MAL] É, pois é...

[LG] E a Donnangelo também....

[MAL] Pois é... era o pessoal antigo, que realmente fazia um trabalho maravilhoso. Pareço saudosista e, num certo sentido, sou mesmo. Foi isso que me atraiu para a Saúde Coletiva. E acho que ainda tem um espaço enorme para se fazer esse tipo de trabalho, que esse pessoal mais antigo fazia: que é exercer um papel crítico, gabaritado, ferramentado, com teoria, com estudo, pesquisa, dados, com conceito... fazendo um trabalho teórico legal, de crítica fundamentada que possa propor e subsidiar políticas públicas de longo prazo e eficientes. Para isso tem que estudar, pesquisar, não é um simples artiguinho de jornal... ou, como muitos artigos que se vê atualmente, a pessoa ignora o que foi feito para trás... tudo teria começado com o PT [Partido dos Trabalhadores] – e a esquerda no Brasil é muito dividida e populista. Como o próprio Getúlio [Vargas], e ambos fizeram muito pelos trabalhadores, o Lula também se conferiu o título de “pai dos pobres” e “mãe dos ricos” [risos meus]... o pessoal me chama de “coxinha” quando eu falo isso e eu votei no PT [risos dela]. Mas, eu critiquei logo que foi lançado – eu tive uma briga aqui dentro de casa que eu fiquei chateada, pois estava dentro da minha casa, com um colega da UERJ, sobre o Prouni [Programa Universidade para Todos], elogiadíssimo: Mas no meu entender, esse programa fortalece o setor privado, em detrimento do público. Você renuncia a impostos que poderiam ser investidos na Universidade Publica para abrir mais vagas. E isso vem levando ao desinvestimento

a Universidade pública, como vem acontecendo, aqui no Estado do Rio, e no Brasil, com a multiplicação de Universidades privadas, a maioria de péssima qualidade. Podia abrir mais vagas no setor público, contratar mais professores e possibilitar, como já existe hoje, quem trabalha durante o dia e estudar a noite, ia ser muito melhor: uma Universidade preparada, com laboratórios de pesquisa. Sucatearam tudo, passaram tudo para o privado, que aliás não faz pesquisa porque prsquisa requer investimento e eles só visam o lucro. E depois vem o financiamento, o FIES [Programa de financiamento estudantil], o pessoal vai estudar onde? Recebe financiamento do Governo para estudar onde? Na Universidade pública? Não, é tudo na Universidade privada... é uma coisa complicada... hoje em dia, é muito difícil você defender o que é público. Defender o Estado "grande", como o pessoal do PT defende, não quer dizer, necessariamente, que está se defendendo a República, a coisa pública...

[LG] Você estende essa análise para o IMS de hoje?

[MAL] Estendo. Intelectualmente, eu acho muito fraco... Tem pessoas que fazem excelente trabalhos lá dentro, mas esses trabalhos não se falam entre si, ou melhor, o compartilhamento intelectual é muito ruim, praticamente inexistente. E muito pior: os alunos que estão lá, pelo menos para os que dei aula, com raras exceções, só querem saber do curso pelo título, para melhorar seu salário ou conseguir um trabalho melhor. E acho que isso é geral, não só do IMS. Já dei um curso para uma turma de Bioética, em que ninguém sabia quem era Jango Goulart. Não leem nada ou muito pouco; só o minimamente necessário. Pelo visto, nem pra frente, nem pra trás. Não quero generalizar. Tem alunos muito bons, como os que orientei e coorientei. Excelentes.

[LG] Já teve?

[MAL] Atualmente, eu acho que tem uma reação... talvez você saiba mais do que eu, pois está conversando com as pessoas e eu estou afastada do Instituto. Então,

eu não posso falar muito sobre o Instituto hoje. Posso dizer que a Gulnar é uma pessoa legal, foi uma boa escolha para a Direção. Ela tem uma visão do campo, promove a coletividade, tem uma visão de coletividade que é diferente do resto do pessoal que esteve lá até recentemente. Tem liderança. Mas vai ser difícil mudar os apart-hotéis.

[LG] Isso vai ser título de capítulo, com certeza [risos nossos]...

[MAL] Assim, fica muito difícil você juntar pesquisadores e docentes para fazer as discussões. Ninguém discute nada! Eu vou te dar um exemplo: na pesquisa do CEBRAP, discutíamos Marx, Weber, Adorno etc. A pesquisa tinha como hipótese fundamental que as relações de produção determinavam as políticas voltadas para o comportamento reprodutivo. O Gianotti criou um conceito e todo mundo trabalhava nessa pesquisa: o Fernando Henrique, o Chico de Oliveira... todos os que estavam no CEBRAP trabalhavam nisso. O Paul Singer e o Juarez Brandão Lopes, fizeram um estudo e depois classificaram as áreas do Brasil que tinham relações de produção diferenciadas: Santa Cruz, no Rio Grande do Sul, Sertãozinho, em São Paulo, Parnaíba, no Piauí, São José dos Campos, em São Paulo... dividiu o país de acordo com critérios que diferenciavam as regiões segundo o tipo e as relações de produção. Eu, já trabalhava com o Procópio Camargo sobre as instituições sociais e numa área que lidava com as mediações do comportamento reprodutivo. E com um extenso questionário e um roteiro de entrevistas previamente muito discutidos, nós fomos a campo. Eu fiz campo em duas cidades: Parnaíba e São José dos Campos. Realmente, eram muito diferentes. Via-se o controle da natalidade, em São José dos Campos – que era disso que se tratava, no fundo, controle da natalidade- era em parte exercido pela política de pessoal das fábricas.. Era uma cidade com muitas indústrias, e indústrias grandes, multinacionais, cuja política era: demitia-se mulheres que engravidavam; não se contratava mulher grávida e demitia quem engravidasse. Isso acabava produzindo um controle “natural”, não precisava de mais nada. Já em Parnaíba, cidade totalmente rural, muito interessante, pois a quase totalidade dos homens em idade produtiva tinha saído de lá e só ficaram as mulheres, cheias de filhos. Enquanto o número cabalístico de filhos em São José,

parecia ser três: os casais queriam ter no máximo 3 filhos, em Parnaíba era 10: quando se perguntava às pessoas quantos filhos tinham, elas respondiam, quando eram menos de dez, “só tenho 8, 9 filhos”; quando eram mais de 10, respondiam “já tenho 11, 12”. Um número elevado de filhos era importante, como em toda área rural atrasada, não mecanizada, porque os filhos constituíam a principal mão de obra necessária à produção e porque a mortalidade infantil era muito alta. Com a decadência da região hoje eles são vistos como responsáveis pela pobreza que impera no local. Essa é a visão dos médicos que junto com a BENFAM, são os verdadeiros responsáveis pela chamada transição demográfica no país e principalmente em Parnaíba, onde até a Igreja, através do conceito de “paternidade responsável” era a favor do controle da natalidade, distribuindo pílulas anticoncepcionais e ligando trompas. Ouviu falar no famoso escândalo das cesarianas? Elas eram frequentes porque os médicos recebiam mais por elas, mas também porque era durante o procedimento de cesariana que eles ligavam as trompas das mulheres, em geral a pedido delas. Em Parnaíba, onde eram solicitados, com frequência, eles usavam como critério o fato de a mulher já ter de 4 filhos. A transição demográfica no Brasil não foi feita contra a vontade das mulheres como andam dizendo. Pelo menos, em todos os locais pesquisados nessa época 1974/75, grande parte das mulheres já haviam começado a controlar e queriam controlar o número de filhos. Nós ficamos em um Hotel que parecia Hotel 5 estrelas: comíamos lagosta. Era o Hotel dos Silva, que até hoje mandam na cidade, porque o coronelismo rural virou coronelismo urbano... o Lula, com o programa Bolsa Família, basicamente acabou com a mediação direta dos coronéis. Mas a mediação indireta continua: [José] Sarney, [Jader] Barbalho, Lobão, Renan, Coelho... cada estado do Nordeste tem um coronel. E quem manda no Brasil? Em grande medida, ainda são eles. Quem manda no parlamento, são eles.É essa turma, é essa banda chamada de Centrão, que manda. Talvez, com a Lava-Jato [operação da Polícia Federal] consigam desalojar alguns. Mas, se você for ver, com quem o Lula governou? Com os coronéis urbanos. São eles que mandam, que controlam a política economicamente. E o pessoal do Sul não se mete muito. Os empresários que se metem mais. Se for olhar pelas “bancadas”... quais são as

bancadas importantes: a “bancada da bala” – que menos aparece, mas é muito importante -, a “bancada evangélica”, é muito importante, a “bancada do agronegócio”, que é o Centro Oeste e Norte, principalmente; tem bancada representando os bancos, mas não tem de empresários, propriamente ditos. Os empresários agem através das Federações da Industria dos Estados; não agem dentro do sistema político. Agora, com o Paulo Skaf, começou uma tentativa de colocar os empresários dentro do parlamento. E tradicionalmente, os empresários brasileiros não gostam de competição, preferem as benesses do Estado, os subsídios e o dinheiro fácil dos bancos públicos e fundos de pensão.

[LG] E nas prefeituras, não é?

[MAL] É, nas prefeituras também.

[LG] São Paulo está nas mãos de um empresário...

[MAL] Pois é, São Paulo mudou. São Paulo é uma cidade onde os empresários sempre tiveram um papel importante e que tende a ser cada vez maior. Estão mandando mesmo. Todas as grandes empresas e lojas que existiam aqui no Rio, mudaram-se para São Paulo. Já aqui no Rio, para segurar as pontas, só ficou a Globo. [risos nossos]... É muito interessante o Brasil, não é? [risos nossos]

[LG] Professora, vou voltar para o Instituto. A sua participação por lá não foi contínua. Você nunca se identificou com a intitulada “Escola de Poder”?

[MAL] Não, nunca.

[LG] Mas você circulava nela, contribuía para ela?

[MAL] Circulava nela, mas não me identificava. A minha pegada era mais acadêmica...E se, quiser saber, nem sei se ela realmente existia.

[LG] Sobre a "Escola de Poder", que é esse grupo relativamente orgânico que você citou algumas vezes durante a entrevista, o que você achou da atuação dessa Escola, como você os via?

[MAL] Eu me relacionava com eles mais como amiga. Era mais uma relação afetiva que intelectual. Com o Fiori eu tinha mais afinidade, porque o Fiori era cientista político e mais acadêmico. Não era médico, como os demais. Com ele eu tinha uma relação mais próxima, era o meu amigo mais próximo, entre todos ali. O Reinaldo também era um amigo próximo. O Reinaldo ia para a minha casa, lá em Barra de São João. O pessoal, quando ia a São Paulo, se hospedava na minha casa. Eu me dava muito bem com todos. Mas eram relações que eu preservava com certa distância.

[LG] E sobre a sua influência intelectual e teórica em relação a esse grupo, como é que foi?

[MAL] Nunca os influenciei muito. Eles me respeitaram muito, me deram muito espaço. Nem era a minha pretensão influenciá-los. Como te disse, o Instituto era um espaço de médicos, eu é que o abri depois, quando fui diretora. O Instituto era uma coisa médica. O pessoal que mandava, era o pessoal da Medicina. Para você ter uma ideia de como era, quando inaugurou o novo Instituto, e eu organizei uma cerimônia lá, a única pessoa que falou de mim foi o Regazzi, que era o Diretor. O Hésio fez um discurso e nem mencionou o meu nome. E, se não fosse eu, aquilo não existiria. O pessoal da Secretaria do Instituto ficou revoltado... uma bibliotecária, que nem era muito próxima a mim, ficou revoltada! Se escutasse isso e muitas outras coisas que disse aqui, o Eduardo ia dizer que eu estou denegrindo o IMS.

[LG] Como você se sentiu, nesse momento?

[MAL] Eu sou uma pessoa, e isso pode ter a ver com a minha história pessoal, que não faz as coisas para ser reconhecida nem louvada. Com o no caso da Ilha Grande [Campus da UERJ}. Faço as coisas porque acho que tem que serem feitas. Eu curto fazer aquilo. Eu fiz aquilo, num certo sentido, para eu poder ficar no Rio, para criar um ambiente de trabalho. As pessoas têm mania de dizer que, onde eu vou trabalhar, primeiro eu arrumo o local, refaço ou faço a decoração. Isso é verdade, eu não consigo trabalhar em um lugar feio, que não seja minimamente agradável nem tenha a mínima condição de trabalho. Afinal será ali que passaremos uma boa parte de nosso tempo e acredito que o ambiente interfere em nossa maneira de ser. Onde eu estive – na CAPES, na SR2, no IMS -, transformei o ambiente. Investi em obra... todo mundo diz que eu adoro obra: gosto mesmo; acabei de construir uma casa na serra e passei 2 anos fazendo obra. É claro que o não reconhecimento me decepcionou, mas eu nunca esperei reconhecimento desse grupo.

[LG] Mas, nesta fase da década de 80, quem imprimiu a direção do Instituto foi você, não?

[MAL] É, é...

[LG] Intelectual, inclusive.

[MAL] Intelectual, inclusive. Depois, não, porque eu fiquei muito afastada. Depois que eu voltei a São Paulo, as pessoas até reclamaram, eu fiquei muito por lá. Eu tinha os meus laços no CEBRAP e ainda tinha Campinas. Eu ficava pouco no Instituto. Depois fui para a CAPES. Depois viajei muito, fiquei muito tempo em Paris, nesse período. Eu não era uma pessoa muito presente. Fui muito presente nesse período da década de 80. Mas na década de 90, não. Logo no início eu fui para a CAPES, depois para a SR2 e depois eu fui meio afastada, mesmo... não tinha ambiente para mim, lá. Trabalho em casa. Não é que eu deixei de trabalhar, deixei de pensar o campo, deixei de me identificar com o IMS. Considero o IMS como a minha casa, foram muitos anos que eu investi no IMS. Lembro de uma vez que o

Sérgio me perguntou, assim que eu cheguei da Europa: “você acha que eu devo investir onde: na Saúde Coletiva ou na Antropologia?”, respondi: “na Saúde Coletiva, naturalmente. Você está aqui, é na Saúde Coletiva que você deve investir. É o seu campo”. E eu considero a Saúde Coletiva o meu campo. Eu ia às reuniões da ABA [Associação Brasileira de Antropologia], me convidaram algumas vezes para participar de mesas; fui na ANPOCS várias vezes, mas hoje eu não vou mais. Primeiro: eu não gosto do ambiente, acho aquilo um circo [risos meus]. Cheio de alunos, os pesquisadores ficam parecendo estrelas, tiram *selfies* com eles, todos pedem para tirar selfies...Eu não gosto daquele ambiente. Não tem discussão, tem exibicionismo. Quando vou e encontro meus amigos, fico feliz; nos divertimos muito.

[LG] Estive frequentando disciplinas no Museu Nacional e senti um pouco desse culto a personalidade. Mas, no Instituto, sobretudo no CHS, eu também sinto isso, principalmente em relação aos psicanalistas. Uma certa adoração.

[MAL] Ah, tem. Tem. Em relação ao Jurandir, ao Birman...

[LG] O Sérgio também provoca um pouco isso...

[MAL] Pode ser. Quando eu investi no Sérgio, eu achei que ele fosse um intelectual de esquerda. Não acho que a contribuição dele para a área seja relevante. Pode até ser e provavelmente é, ainda que eu desconheça, mas acho que a importância dele é muito aquém do que eu achava que poderia ser. Ele investiu pouco na área, ficou muito entre a “cruz e a caldeirinha”, entre o Museu Nacional e o IMS, entre a Saúde e a Antropologia, como se fossem caminhos distintos.

[LG] Sobre a relação com o Museu Nacional, em algum momento, ela também foi importante para você, não?

[MAL] A relação com o Museu foi muito importante para mim quando eu estudei lá. Considero um privilégio em minha vida. No curso de especialização éramos três

alunos em tempo integral com cinco professores à nossa disposição, fora os estrangeiros: o Roberto Cardoso de Oliveira, o Roque Laraia, o Roberto da Mata, a Alcida Ramos; o Luiz de Castro Faria e a Maria da Conceição Coutinho, agora Beltrão, quando fiz Arqueologia. Um luxo! Fui também da primeira turma de mestrado e ainda hoje mantenho relação com meus colegas dessa época.

[LG] Na época da reforma do Instituto, nos anos 80, vieram algumas pessoas formadas lá para trabalhar no IMS: O Sérgio, a Malu [Maria Luiza Heilborn]...

[MAL] A Malu veio depois. A Malu entrou pela janela, inclusive. A Malu foi uma que, segundo soube, tentou concurso duas vezes no Museu Nacional e não conseguiu passar. Passou para a Faculdade de Ciências Sociais, no IFCH/UERJ, e encontrou o Richard [Parker] lá. O Richard a chamou para o IMS e ela entrou. São as duas pessoas que entraram pela janela no IMS: ela e o Kenneth [Camargo Jr.]. O Kenneth estava na Medicina e conseguiu uma transferência. A Malu veio pela mão do Sérgio e do Richard.

[LG] Professora, estou, talvez, tomando demais o seu tempo. Podemos marcar um outro encontro? Foi tranquilo para você?

[MAL] Estou completamente a disposição. Para mim foi tranquilo, mas tenho muita coisa para dizer. Então, digo as coisas de uma forma meio vaga e misturada, do ponto de vista cronológico e dos temas. Tem muita coisa nessa entrevista que não tem nada a ver com o IMS. É você quem deve avaliar isso. Para mim não foi difícil, não. Quem não gosta de falar de si?

[LG] Particularmente, gosto dessa dispersão. A partir dela, faço as localizações e vou especificando...

[MAL] Eu até concordo com você: abre para depois fechar. Em pesquisa, eu também faço assim: abro para depois fechar. Mas o que estou dizendo é do meu

ponto de vista, pois a coisa fica meio solta. E eu falo muito francamente, do jeito que penso...é uma visão minha, baseada em minha experiência, com a qual certamente muitos não vão concordar. É você quem vai ligar, mas não quer dizer que, na realidade, se liga dessa maneira. E tenho consciência de que tudo que estou falando nem sempre se aplica a situação atual. Acho e vejo que a informática e o avanço tecnológico mudaram muitas coisas, não só no IMS, mas no ensino e na pesquisa científica, em geral. E sobre isso, reflito, mas tendo ainda pouca coisa a dizer. E, muitas vezes, me sinto jurássica em relação as mudanças que vem ocorrendo. Me sinto mais uma mulher do século XX do que do século XXI.

[LG] Sim, claro. Eu vou te passar a transcrição e você também avalia. Apenas duas perguntas para encerrar: o documento que você construiu para a reunião na Casa de Rui Barbosa, construiu com o Benilton [Bezerra] e com o Ricardo Tavares. O Ricardo Tavares era um dos que compunham a "Escola de Poder". O Benilton, não. Como é que se formou essa trinca?

[MAL] A "Escola de poder", eu acho que você dá importância demais a ela, eu vi isso no seu projeto como uma coisa importantíssima... E é mesmo, mas não tão formalizada ou fechada.

[LG] É ela que vai para o INAMPS, depois...

[MAL] Ela vai para o INAMPS, mas ela é um projeto de todos os que estavam lá, mesmo daqueles que não faziam parte diretamente dessa Escola de que você tanto fala e que nem sei se realmente existia. O pessoal que estava ali era um pessoal de esquerda, pessoas alijadas dos partidos políticos. Mas essa "Escola de Poder", se existiu, era composta por um grupo de pessoas do Partido Comunista. Nesse sentido, havia uma grupalidade. Esta era a minha diferença com o resto do pessoal, porque a orientação deles era totalmente política. A academia era um espaço de passagem para o poder. Nesse sentido, eles foram bem-sucedidos, realmente

ocuparam posições de poder em várias instituições. E até eu também, na CAPES e antes do IMS, em Juiz de Fora, o que me valeu mais de 4 anos de exílio.

[LG] E usaram bem a Academia para isso...

[MAL] Usaram.

[LG] O diálogo com você, com o Fiori...

[MAL] Usaram, claro. Mas o que nós tínhamos ali, bem ou mal, era um projeto comum que visava a melhoria da saúde no Brasil. Se tinham os mais políticos, se tinham os mais acadêmicos, nós éramos amigos. Éramos muito amigos. Ninguém via aquilo como projetos separados. Eu era mais acadêmica e as pessoas sabiam disso. Quando fui para lá, ninguém tinha mestrado e eu já era doutora.

[LG] Mas a trinca com o Benilton e o Ricardo Tavares, como se constituiu?

[MAL] Eram as pessoas que estavam lá, as pessoas que restaram.

[LG] Com o Ricardo você também tinha boa interlocução?

[MAL] Tinha. E o Ricardo era também ligado ao grupo de demografia do qual eu fazia parte. Para mim, que vim do CEBRAP, não era um ambiente intelectual de primeira. Eu fui ficando circunstancialmente... voltar para São Paulo, naquela altura, não dava. E tinha outra coisa: eu gostava do Rio, tinha amigos no Rio. Eu estudei aqui no Rio, fiz Antropologia aqui. Eu tinha um grupo de amigos aqui. Tinha lá, também. Não fiquei aqui pelo Instituto... fiquei pelo trabalho que eu conduzia, naquele momento. E porque eu adoro desafios, e era um desafio. Foi como Ilha Grande, quando eu estive na SR2. Tive que investir em Ilha Grande porque nós íamos perder aquilo, por falta de investimento, de projeto. Consegui manter aquilo, trabalhei como uma maluca. Eu gosto de trabalhar, de fazer essas coisas. Eu gostei

de fazer o que fiz no Instituto. E eu tinha espaço, não trabalhava só no Instituto: continuei na PUC, no CEBRAP, no NEPO/UNICAMP. O meu mundo intelectual, os artigos que eu escrevia, tinha muito a ver com São Paulo. E com a Saúde. Sempre fiz pesquisa na área da Saúde, pensava a Saúde, formava pessoal na área da Saúde. Mas eu nunca fui de fazer um grupo, grupo meu, um grupo da Andrea... não. Os meus orientandos não ficam trabalhando para mim, me cercando. Não é o meu estilo.

[LG] Você ainda tem o documento que foi discutido na Casa de Rui Barbosa?

[MAL] Não tenho, isso ficou lá no Instituto.

[LG] Vou ter que caçar isso...

[MAL] Sim, terá que caçar... ninguém guarda as coisas. É impressionante...

[LG] Mas isso aí alguém guardou, com certeza...

[MAL] Devem ter guardado... Talvez o Benilton tenha guardado, ou o Ricardo...

[LG] A Jane Sayd falou de uma caixa que tinha esses documentos. Só que ela não sabe onde está. E não está na biblioteca.

[MAL] Onde estará isso? Será que ficou com a Sonia, também? É bem provável!

[LG] Ela desconfia que esteja com uma bibliotecária que passou muitos anos no IMS e que está na biblioteca central da UERJ, hoje.

[MAL] Pode ser. A Jane é uma pessoa que ficou lá o tempo todo. Ela não participou, exatamente, na linha de frente, mas ela estava lá. É uma pessoa que, do jeito dela, contribuiu, podia-se contar com ela.

[LG] A Nina era a grande referência de vocês, no princípio?

[MAL] A Nina era. A Nina tinha uma personalidade muito ativa. Realmente, ela teve muito a ver com a criação do IMS.

[LG] E com a sua estadia lá, também? Pela questão afetiva?

[MAL] Menos... eu não era muito amiga da Nina. Tínhamos uma excelente relação, de coleguismo. Nós íamos beber no bar. O Botafogo [bar em frente ao Pedro Ernesto] foi muito importante para todos nós. Ele ajudava a dar uma liga entre aquelas pessoas. Se não fosse isso, talvez não fossem tão ligadas. Com a Nina, era assim: no aniversário dela ela convidava e nós íamos. Uma coisa assim: colegas, cordiais, amigáveis.

[LG] O Fiori disse que, para eles da "Escola de Poder", ela era a grande referência estratégica.

[MAL] Ah, era. Isso era. Ela era estratégica. Ela era líder ali, dava para perceber com clareza. Ele acha que eu segui os passos da Nina porque eu queria assumir o poder dentro do IMS. Eu nunca pretendi. Caiu no meu colo, porque eles abandonaram. Ele fala como se fosse um projeto meu, ter a Direção. Quando todos saíram e eu fiquei, poderia ter sido a Diretora. Mas preferi deixar a Direção para o Regazzi e a vice para o Benilton. Por desinteresse, medo, sei lá. Eu não gosto dessa parte administrativa. Mas a Nina era realmente muito ativa, ela é que definia os temas de pesquisa, que corria atrás do dinheiro. Foi uma pessoa muito importante para o Instituto. E, num certo sentido, meio abandonada por eles. O pessoal lá é muito machista, não sei se você tem percebido [risos meus]. E acho engraçado o Fiori falar em Escola de Poder, pois daqueles mais antigos, ele foi o único, junto com a Madel, que se manteve na Academia

[LG] Eles recusam essa pecha de machistas...

[MAL] Claro que eles vão recusar, mas são!

[LG] Eles se recusam a assumir que são machistas, que são racistas...

[MAL] São tudo isso. Tudo isso: machista, racista... como é que você vai recusar? Eu não digo que eu não sou racista, acho muito difícil não ser racista no Brasil...

[LG] Como é que eles deixam de reproduzir machismo e racismo, não é?

[MAL] Sabe o que é, o Bourdieu me perguntou sobre isso. Duas coisas que eu disse e ele gravou e achou importante: primeiro que em pesquisa, você tinha que ver, que ir ao campo. O fato de você conviver com as pessoas, estar lá no local, te dá uma visão que, se você não estiver lá, não consegue analisar direito. Você não percebe direito o material. Segundo aí foi ele que disse, que eu tinha uma ótima relação com os operários que eu pesquisei, que em geral as pessoas, naquela época, idealizavam... Mas eu acho que isso vem do fato de que eu sou de uma família que sempre teve empregados, brancos e negros. Eu sempre convivi com empregados. E muito! Praticamente fui criada por empregados. Minha família era de fazendeiros do Sul de Minas, e a gente convivia muito com os empregados. Então eu tinha uma relação com eles que era diferente. Na minha família, todos os agregados acabavam virando membros da família. Viravam irmãos, chamam o pai de pai, de avô... isso não quer dizer que eram realmente iguais, nem que você não seja racista. Acho que inconscientemente se é. Se deve prestar muita atenção porque nós pensamos com as categorias que construíram a nossa visão de mundo. Por isso que se deve estar atenta o tempo todo. Se não, sem querer, você faz besteira.

[LG] Nesse período da Reforma, quais as cinco pessoas que você considera que seja imprescindível eu entrevistar?

[MAL] A Sonia é uma, mas ela sumiu no espaço. Ela participou muito. O Benilton, sem dúvida, e o Ricardo Tavares. Esses 3 foram os principais. O resto estava meio afastado. O resto acompanhou. Por exemplo, a Jane Sayd acompanhou, mas ela não é uma figura central. Ela não participou diretamente. O Sérgio não participou, ele chegou depois e deu força. Fez o trabalho dele, o mestrado. Ele me apoiou, no início, depois ele ficou contra mim, mas no início ele me apoiava. Eu acho que você deve ouvir todos, mesmo os que ficaram na periferia. Para você é importante, ouvir todo mundo.

[LG] Você indica alguém que tenha feito o contraponto, naquele período?

[MAL] Não. A única pessoa que fez um contraponto, mas não chegou a ser contra, foi o Regazzi. Porque ele queria transformar o IMS num setor de serviços, junto com o pessoal da Medicina Integral do Hospital. Mas ele não se tornou meu inimigo, nem ficou contra o Instituto. Até porque ele não dava aula, era um tipo bonachão, que ficava lá com um grupo de pessoas do Hospital. Ele não tinha nada a ver com a Academia Ele criou o Internato Rural, um programa importante que levava saúde para as áreas rurais.

[LG] Você indicaria a Sonia, Ricardo, Benilton, o Regazzi como o contraponto e mais alguém?

[MAL] Como contraponto?

[LG] Sim, sim...

[MAL] As pessoas que estavam lá eram essas.

[LG] Só tinham vocês quatro?

[MAL] Só nós quatro. A Sonia, o Benilton, o Ricardo e eu. A Maria Lucia na epidemiologia e depois o Eduardo, e o Renato Veras, quando voltaram dos Estados Unidos

[LG] O resto das pessoas vocês trouxeram depois?

[MAL] Sim, trouxemos depois. O Sérgio veio nesse período, um pouquinho antes. Tudo aconteceu depois.

[LG] E tinha alguém pensando a Epidemiologia?

[MAL] Tinha a Maria Lúcia Penna – acho que você pode entrevistá-la, ainda que ela não quisesse investir para valer no IMS. Ela foi a minha Vice-diretora, me abandonou no caminho, e foi aí que o Benilton entrou como Vice, quando eu fui Diretora. Na Epidemiologia, estava quem? o Eduardo [Faerstein] estava fora, depois ele veio; lembro da Maria Lúcia Penna como uma das pessoas que pensassem mais a área; depois o Renato Veras, a Gulnar não estava lá ainda, estava fora; depois veio o Michel [Reichenheim], mas um pouco depois. Tinha o Paulo Maurício, também. Eu dei muita força para esse pessoal. Todo mundo foi fazer doutorado, então incentivei esse pessoal a segurar as pontas da Epidemiologia. Até porque o Instituto, no início, as disciplinas eram conjuntas. Todos os que entravam no Instituto tinham como base as disciplinas, das três áreas, para saber o que era Saúde Coletiva; depois iam para as áreas de suas escolhas. Quando eles fizeram essa reforma, eles separaram. É por isso que muita gente entra lá e nem sabe o que é Saúde Coletiva. Ou você faz Epidemiologia, ou faz Ciências Sociais, ou faz Planejamento. Aliás, não é bem Ciências Sociais, mas antropologia e psicanálise. A multidisciplinaridade da área, que fazia parte do projeto inicial do Departamento, acabou. Ainda tem a Marilena que é médica com doutorado em Sociologia e o André, também médico com doutorado em Filosofia, mas que são marginalizados no Departamento. A Marilena, talvez a única que estuda de fato saúde, é mesmo hostilizada.

[LG] Essa divisão em 3 departamentos, essa reforma que você menciona, foi posterior a de vocês, não é?

[MAL] Foi... eu tentei, nesse programa de Bioética [atual PPGBIOS], dar um curso que incluía as 3 áreas, mas foi algo muito difícil. Primeiro: os alunos estão indo para lá ter o título e melhorar no emprego... ninguém está indo por ter curiosidade intelectual, são muito poucos os que aparecem com essa curiosidade, para não dizer "ninguém". Acho que depende também do recrutamento; exigem muito pouco dos alunos; muito complicado; você pega uma disciplina que tem várias disciplinas... é muito complicada essa Saúde Coletiva! Qualquer disciplina... a única que pega bem porque é mais simples, e por isso domina, é a Epidemiologia. Aliás originalmente, não é mesmo uma disciplina; apenas um método. O próprio Planejamento é complicado...Se as pessoas da epidemiologia me ouvissem iam dizer que eu estava denegrindo a disciplina. Esta foi a conclusão de um dos pareceristas de meu artigo "a Saga das Ciências Sociais na Saúde Coletiva" para recusar sua publicação nos Cadernos de Saúde Pública. Isto porque eu dizia, e mostrava, que os epidemiólogos ocupavam as posições de mando na área. Isso me soa mais como uma promoção do que como um rebaixamento da epidemiologia, embora eu ache que o poder na área deva ser mais bem distribuído entre as diferentes subáreas.

[LG] Essa reestruturação da Epidemiologia se dá quando voltam as pessoas do mestrado e do doutorado?

[MAL] Olha, quando viajei para Paris, o Eduardo tinha acabado de chegar. O Reinaldo e o Eduardo tinham o projeto: A Saúde Coletiva é Epidemiologia [risos meus].E tudo o que sofremos em termos de fraqueza teórico conceitual, criatividade, controvérsias, e seus debates, hoje, decorre de se reduzir o campo a um método. Dito, falado e eles politicamente agiram nessa direção. Tanto que se você pegar todos os cargos importantes de representação na área, são de epidemiólogos. E

até agora continua: o Kenneth é um eterno candidato a subir na burocracia da área. mas nunca vai entrar, ele não é epidemiólogo. Para a coordenação de área na CAPES, por exemplo, os candidatos eram o Kenneth, do planejamento e o Guilherme Werneck, da epidemiologia. Quem levou? o Guilherme. E o Kenneth era muito mais político...

[LG] E o Kenneth tem um acúmulo grande de debate sobre a área e sobre avaliação científica...

[MAL] É, pois é. Mas não entra, pelo menos por enquanto. Os epidemiólogos se acham os donos da área.

[LG] Você acha que o Eduardo é uma pessoa importante para falar sobre a Epidemiologia, além do Reinaldo...

[MAL] É... eu acho que todo esse pessoal mais antigo é importante. Se você quer ter um panorama, é bom você falar com todo mundo. Os mais novos, não conheço, ou conheço pouco.

[LG] Quem seria a quinta pessoa a eu entrevistar?

[MAL] Acho que a Maria Lúcia Penna. Mas acho que a Gulnar é uma pessoa muit importante, porque assumiu trabalha para uma saúde coletiva plural. O Sérgio, você já entrevistou? A Jane já está no projeto.

[LG] Entre a Gulnar e a Maria Lúcia Penna, com quem você fica?

[MAL] Acho que as duas são importantes em momentos diferentes. Mas, sem dúvida, procuraria a Gulnar primeiro.

[LG] E você acha que ela vai me dizer sobre a reestruturação da Epidemiologia? Porque a Epidemiologia muda completamente da década de 80 para cá, não é?

[MAL] Muda muito, radicalmente. É quando começa o projeto, pensado pelo Reinaldo, cujo braço era o Eduardo [risos nossos] e, por incrível que pareça, o Cid Manso. Tá achando engraçado, não é?

[LG] Sim, porque é muito coerente com o presente, o que você está me dizendo. É muito difícil ouvir isso e não fazer uma projeção imediata ao que está acontecendo lá, agora. Eu tenho a falsa impressão de que a Epidemiologia não tem projeto, porque eles são quantitativistas...

[MAL] Pode não ter projeto científico ou político. Mas certamente tem projeto de poder! [risos meus] Tem o projeto, que é o projeto real, que é o poder! O poder dentro da área.

[LG] E ter começado com o Reinaldo Guimarães é *super* coerente, também. É um sujeito legítimo da "Escola de Poder".

[MAL] Pois é... Agora, o nosso nunca vai ser. Os cientistas sociais não conseguem se impor dentro da área, não brigam direito. E, por exemplo, eles expulsaram do departamento os sociólogos. Os sociólogos têm ferramentas conceituais e teóricas, uma bagagem muito mais crítica que a dos antropólogos. Os antropólogos não são críticos, sobretudo aquela ala... de culturalistas. Tudo é relativo, não existe o conhecimentos cientificamente universal...E politicamente são muito conservadores. Mas o que não quer dizer que a antropologia não possa ser crítica. Ao contrário, sobretudo na França, mas também nos Estados Unidos e na Itália existem correntes da antropologia bastante críticas. Dentro do próprio Museu Nacional existe um grupo, liderado pelo Moacir Palmeira, do qual faz parte o Sergio

Leite Lopes e fazia a Lygia Sigaud, recentemente falecida, que fizeram da antropologia um instrumento de crítica social.

[LG] O Luiz Antônio e a Madel, sociólogos, ficaram sem espaço no Departamento?

[MAL] Num certo período a Madel ficou e saiu; mas depois voltou. O candidato da Madel que estava lá foi saído e o Luiz Antônio já havia deixado o Departamento e ido para o Planejamento.

[LG] A Alba também?

[MAL] A Alba era antropóloga e nunca fez parte do departamento. A Alba era muito brigona e os antropólogos do departamento também não gostavam dela.

[LG] E ela entrou no mesmo pacote que o Luiz Antônio e a Madel, para o Planejamento, não é?

[MAL] É. Eles expulsaram todo mundo. A Marilena ainda está lá porque ela não é de sair. Eles fazem tudo para ela sair. Inclusive, atualmente, o Benilton. É uma pena, porque o meu projeto para o departamento era fazê-lo multidisciplinar, que tivesse antropólogos, sociólogos, historiadores, filósofos. psicanalistas.... Queria um grupo que, se trabalhasse junto, podia pensar maravilhosamente a área.

[LG] O papel de historiador acabou sendo acumulado pelo Luiz Antônio, não é?

[MAL] Foi

[LG] E o Benilton?

[MAL] Os psicanalistas contribuíram muito, inclusive para dar prestígio ao IMS, como o Jurandir e o Joel. O problema deles é que eles sempre acumularam a docência com o consultório particular. Assim, só podiam dar aulas na quarta-feira e as reuniões só podiam acontecer na sexta e acabar as 11,00 horas tinham que sair correndo; o resto dos dias eles tinham consultório.

[LG] E vou poder voltar para conversar mais com você?

[MAL] Quando você quiser [risos nossos] E uma última coisa: você entrevistou os funcionários? Seria muito importante fazê-lo. Os atuais e os antigos, assim como os funcionários do CEPESC.